VISCONDE DE TAUNAY

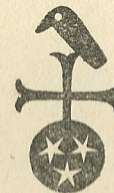
JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA

VISCONDE DE TAUNAY

UMA GRANDE GLORIA BRASILEIRA

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA

(1767-1830)

Edição commemorativa do primeiro centenario do passamento do grande compositor

EDITORA

COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO

(Weiszflog Irmãos incorporada)

S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

Largamente escreveu o Visconde de Taunay sobre a vida e a obra de José Mauricio. Pretendia publicar um volume sobre o tão admirado compositor mas veio a Morte impedir-lhe a realisação deste plano muito acarinhado.

Do que deixou coordenado apenas ha a primeira parte deste volume: a serie de artigos impressos na *Revista Brasileira* em 1895 e 1896.

A segunda parte, organisei-a agora, valendo-me da grande massa de artigos por meu Pae publicados, sobretudo no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, e em geral de 1896 a 1898, na campanha de propaganda intensa em torno da figura do olvidado mestre.

Indispensavel se me afigurou completar a biographia de José Mauricio. Assim para preencher as lacunas deixadas por meu Pae, vali-me dos escriptos de Manuel de Araujo Porto Alegre, primeiro e illustre biographo do compositor. Correspondem estas falhas removidas a pequeno numero de paginas aliás.

Grande trabalho me deu reunir e coordenar os elementos para este volume, esparsos como se achavam pelas columnas da imprensa fluminense. Dou-me porém por muito bem pago pois que a elle me incitaram um dever de piedade filial e as instigações do brasileirismo.

Cabe-me agora agradecer ao prezadissimo amigo Snr. Walther Weiszflog o caloroso interesse com que acolheu a idéa de se publicar este volume por occasião do primeiro centenario do

fallecimento de José Mauricio. Nova e forte prova de seu musicismo intenso e culto e do seu interesse continuo pelas cousas do Brasil, sua segunda patria.

Destes sentimentos resultou bella homenagem á memoria do nosso tão injustamente deslembrado compositor, o infeliz homem de genio a quem o Brasil ainda está por pagar um pouco do immenso que deve a tão grande filho.

S. Paulo 19 de fevereiro de 1930.

AFFONSO DE E. TAUNAY

PREFACIO

Dois motivos concorreram para que ao Visconde de Taunay inspirasse a obra de José Mauricio Nunes Garcia a mais profunda e sincera admiração. Um de ordem atavica, relativamente forte, outro de impressão pessoal, poderoso, espontaneamente occorrido, a despertar e reforçar o primeiro.

Mero acaso o levou a ter inesperado contacto com a inspiração do compositor a quem tanto viria a admirar.

Deputado recem enviado por Goyaz á Camara concorrera á missa do Espirito Santo que aos trabalhos do Parlamento Imperial precedia.

Ao assistir a esta solennidade, a 21 de Dezembro de 1872, na Capela Imperial, veio-lhe a revelação do genio do grande Padre, oriunda da audição de sua musica, para elle até então anonyma e immediatamente arrebatadora.

Tão impressionado se viu que permaneceu na Igreja a indagar quem seria o autor cujo estro soubera traduzir em harmonias de tal quilate as vozes do Paracleto invocado naquelle ambiente.

Neste sentido, pois, interpellou a um velho cantor da Capela, Bento das Mercês.

— Porque quer o Sr. saber-lhe o nome? retrucou-lhe o musico carrancudo e rebarbativo.

— Por ter gostado immenso da sua musica. — Pois não sabe que é do grande José Mauricio Nunes Garcia?

Negativamente abanou a cabeça o curioso inquisitor. — Eis ahi; fulminou-lhe o velho cantor depreciativamente. E é deputado! E é deputado!

— Está a missa impressa? onde poderei compral-a? sofregamente indagou o maltratado parlamentar.

— Impressa! retrucou-lhe o musico amarga, acerbamente: Fique sabendo que até hoje, ouviu? — até hoje! não existe uma

só musica do nosso José Mauricio impressa! Nem uma unica!

E' assim que o Brasil cuida das suas glorias! E trabalhe a gente e se mate por este paiz! Escrever obras primas para serem apreciadas só pelos cupins e as traças!

«E sem se despedir de mim, seguiu adiante arrastando os pés» relata o desapontado indagador, ao terminar a narrativa deste pequeno episodio de sua auto biographia.

I

Regressando a casa com os ouvidos cheios da melodia e da harmonia de José Mauricio immediatamente communicou ao Pae a revelação que o assombrara.

Foi em termos enthusiasticos que este lhe referiu a tradição familiar acerca do compositor.

Contou-lhe quanto o Pae, e os demais artistas da Missão Franoesa de 1816, fundadora da Academia Nacional de Bellas Artes, lhe tributavam a maior admiração e o tinham á conta de talento absolutamente formidavel. Referiu-lhe que Nicolau Antonio Taunay, ao se retirar para a França, em 1821, escrevia aos filhos estabelecidos no Brasil pedindo noticias do *grand mulâtre...*

Relatou-lhe que seu irmão Amado Adriano, o afogado de 1828, no Guaporé, tanto admirava a obra de José Mauricio que em Cuyabá fizera copiar varias de suas composições, para lá em tempo levadas, e as remettera aos irmãos do Rio de Janeiro.

Narrou-lhe ainda quanto Sigismundo Neukomm, o eminente discipulo predilecto do grande Haydn, ao mais alto ponto elevava o talento do compositor a quem conhecera na intimidade quando, de 1816 a 1820, no Rio de Janeiro, residira, a serviço de D. João VI.

Reforçaram estas particularidades, minuciosamente desvendadas, a instigação vehemente que do novel deputado se apossou no sentido de se tornar o paladino de uma reparação nacional á obra do deslembrado Mestre e o promotor da sua apresentação aos grandes centros mundiaes da Arte.

Um dos sentimentos mais fortes que nelle jámais actuaram foi o do amor á gloria. Era o que levava a aquilatar, com grande espirito de justiça, o merito e os esforços alheios.

Trabalhador prodigioso, demonstrava o maior respeito pelo trabalho de outrem. Destituido de inveja, pela immensa confiança que sentia no valor proprio, realizava o typo do homem da mais absoluta sinceridade.

E a exuberancia dos conceitos e acções se lhe revestia sempre da mais completa lealdade. Dominado por um estado dalma que o celebre *Avez lu Baruch?* de La Fontaine traduz, passou a ser o indefesso e clamoroso apregoador dos meritos e da arte de José Mauricio.

Nem sempre foi igualmente intensa a campanha que moveu em pról do compositor, mas jámais deixou de a avivar pois era o homem do *clama ne cesses*. Longa lhe foi, enthusiastica e penosa, contrariante, por vezes, até cheia de dissabores. E durou-lhe mais de um quarto de seculo. E quanto mais se inteirava da musica do mestre fluminense mais lhe crescia o enthusiasmo.

Não que fosse destes incondicionaes em que se convertem os obsecados e os unilateraes. Julgava severa, imparcialmente a obra do tão admirado autor.

— «Ha dois José Mauricio perfeitamente distintos! costumava dizer.

Procede o primeiro de Bach e de Beethoven e foi formidavel! O segundo, avassalado pela brandura do caracter, pela timidez, a desigualdade das condições, o ambiente, a pressão dos musicos emigrados para o Rio de Janeiro, em 1808, pelo rossinianismo de Marcos Portugal, nem de longe se mede com o antecessor.

Mas mesmo assim! eterna comprovação do «*chassez le naturel!* — no meio de tão deploraveis concessões, arrancadas ao homem de genio pela timidez do pobre artista americano, mestiço no meio de europeus jactanciosos, mesmo assim! no meio de tanta decadencia, de tempos a tempos, na sua obra da segunda phase, occorrem numerosos lampejos do talento, oriundo da inspiração filiada á grandiosidade dos mestres germanicos!»

Com que enthusiasmo em 1898 saudou a missa em si bemol, acaso encontrada entre papeis velhos, graças á solicitude de um commerciante, dedicado musicista, o Sr. Adolpho Pinto de Moraes!

Quando lhe conheceu a melodia — prodigiosamente bella! — do *Et incarnatus est* positivamente delirou de jubilo.

Ao piano repetiu-a dias a fio, dezenas de vezes, dando-lhe todas as gradações, procurando fazer-lhe resaltar todas as riquezas.

A cada passo repetia — «Mozart assignaria isto, sem fazer o menor favor ao nosso Padre! Não tem coisa melhor»! E o seu arroubo chegou a tal ponto que á casa dos amigos, ia propositalmente executar o tão admirado trecho e outros desta composição realmente notavel.

E, como fosse sobremodo relacionado, aos seus numerosos visitantes logo inculcava ao piano, as bellezas do *Et incarnatus*, do *Kyrie, do Gloria*.

— Está você exaggerado com o seu *Avez vous lu Baruch?* mauriciano! dizia-lhe Joaquim Nabuco a rir.

II

Membro da casa dos Deputados, procurou o ardoroso propagandista interessar os poderes publicos na obra de se divulgarem os desconhecidos thesouros do espolio de José Mauricio.

Ao mesmo tempo fortemente se empenhava em soccorrer a Carlos Gomes cujas condições precarias muito o affligiam, e aos amigos dedicados do autor do *Guarany*, no primeiro plano dos quaes figuravam André Rebouças e Francisco Castellões.

Conseguiu a pensão de quatrocentos mil réis mensaes, então mil e muitas liras, que, de 1873 a 1879, permittiu ao grande campineiro viver folgado, a trabalhar na *Fosca*, no *Salvador Rosa*, na *Maria Tudor*.

Facil não fora alcançar este auxilio a quem tanto o merecia.

Protestos houve na Camara onde em grosseiros apartes, até, certo deputado reclamou contra esse «malbarateamento do tempo do Parlamento e do dinheiro da Nação».

Não prezavam demasiado em sua maioria os politicos da época o cultivo das bellas letras e das artes. Para as letras juridicas abriam-se excepções, é bom lembral-o, pois estas conferiam, a maior notoriedade e prestigio a seus cultivadores.

Mas as bellas letras eram em geral julgadas depreciativamente. Frequentes vezes ouviu José de Alencar conceitos e interpellações corroboradores do que estou a escrever.

Não faltou quem procurasse ridicularizal-o na qualidade de romancista, criador de personagens como o «indio Peripery» da anecdota assás conhecida.

Em 1880 começou Taunay a se occupar activamente da projectada campanha em pról do seu grande musico.

Longamente sobre elle escreveu na «Gazeta de Noticias» e na «Revista Musical» de Arthur Napoleão e Leopoldo Miguez.

Deputado por Santa Catharina, em 1882 apresentou dois projectos sobre o caso que tanto o apaixonava.

Visava um a execução por ordem do Governo, do inventario completo da obra do mestre fluminense. Deveria uma commissão de tres especialistas arrolar tudo quanto da lavra do

Padre existisse no archivo da Capela Imperial, no das Irmandades e institutos do Rio de Janeiro e outros pontos do paiz.

Sabia-se que em S. João d'El Rey notavel centro musical, aliás, existia precioso acervo de composições de José Mauricio, que no maestro Martiniano Ribeiro Bastos ali tinha o maior admirador.

Foi approvada a proposta sendo então nomeada tal commissão que se compoz do archivista da Capela Imperial e mais dois professores.

Coube-lhe difficil tarefa como são ainda todas as deste genero em nosso paiz. Após longo tempo apresentou o resultado de suas pesquisas, incompletas aliás.

Declarou o archivista Joaquim José Maciel, em 1887, que arrolara 241 composições de José Mauricio. Diversos roes dessa lista copiou, enviados ao Ministerio do Imperio, á Camara dos Deputados, ao Archivo do Cabido do Rio de Janeiro e ao Instituto Historico Brasileiro de onde foi um ter ás mãos de Sacramento Blake então a elaborar o seu precioso *Diccionario*.

Satisfeito com este primeiro resultado quiz Taunay conseguir pequeno credito para imprimir algumas peças mais notaveis do opulento acervo manuscripto recem inventariado.

Mas ahi se viu contrariado pela má vontade geral. E como insistisse ouviu apartes acrimoniosos e até malcriados.

— Está V. Ex. a nos fazer perder precioso tempo com o seu rabequista, bradou-lhe mau humorado parlamentar inimigo da arte orpheica, se ainda é permittido ao escriptor que se preze a rememoração da mythologica allusão.

A seu modo de ver vingou-se Taunay desta scena deprimente, relatando-a num de seus volumes de autobiographia, em que ao mesmo tempo recorda os dissabores soffridos por Alencar e outros confrades illustres, a proposito de suas producções literarias.

Senador do Imperio, pareceu-lhe poder, agora com muito maior numero e muito mais importantes elementos de triumpho, renovar a tentativa mallograda da Camara dos Deputados.

A 4 de Junho de 1887, pronunciava assaz longo discurso pedindo um credito para a impressão das obras do seu caro José Mauricio, pequeno que fosse, obtendo então os applausos calorosos de um espirito superior, aberto a todas manifestações do Bello: Francisco Octaviano.

Promessa de auxilios alcançou no anno seguinte, quando o gabinete Cotegipe foi substituido pelo ministerio João Alfredo.

Não se effectivaram comtudo, mau grado certo empenho do Presidente do Conselho.

III

Sobreveio com a Republica o afastamento definitivo e completo, do scenario politico, por parte do antigo senador vitalicio por Santa Catharina, recem agraciado com o viscondado e a grandeza do Imperio.

Coherente com as idéas e principios não poderia jamais assumir attitude diversa, tanto mais quanto professava a mais extraordinaria veneração pela pessoa do magnanimo Pedro II.

Assim se refugiou o ex-politico no campo da literatura e da arte, unico em que podia dar expansão á insopitavel feição do trabalhador infatigavel e á ancia de produzir.

Resolveu levar a cabo a campanha resuscitadora da gloria de José Mauricio, agora com redobrado esforço.

E o fez com enorme trabalho, e o mais real sacrificio, pois já se achava na ultima phase da molestia que, desde quasi duas dezenas de annos, lhe combalia o robustissimo organismo: o diabetes.

Conseguiu movimentar a opinião fluminense. Obteve de amigos e admiradores da Arte as pequenas quantias de que necessitava, para poder mandar imprimir as primeiras producções de José Mauricio.

Seja-me permittido aqui lembrar o muito com que o secundaram, então, o Sr. Rodrigues Barboza, redactor da secção musical do JORNAL DO COMMERCIO, tão fino musicista quanto erudito conhecedor da historia da Arte e das cousas do Brasil, o nosso illustre compositor Leopoldo Miguez e seu eminente confrade Alberto Nepomuceno.

Ferreira de Araujo com a sua admiravel penna jornalistica, foi tambem dos que procuraram auxiliar a tentativa do amigo e constante collaborador da sua GAZETA DE NOTICIAS.

Em torno de Miguez e Nepomuceno dedicado e optimo grupo de musicistas chamou a si a execução das obras do deslembrado mestre.

Assim dentre os nomes que me acodem cito, a pedir desculpas das fataes mas involuntarias omissões as Exmas. Sras. D.a Maria Nabuco, Elvira Gudin, Candida Vianna, Mello Moraes, Corinna Rocha, Marietta Netto, o professor Carlos de Carvalho, o dr. A. C. de Arruda Beltrão, os Professores regentes de orchestra José Levrero e Pereira da Silva, entre muitos.

Cantaram-se o *Requiem*, a *missa em si bemol*, a missa *Mimosa*, a de *Santa Cecilia* e sobretudo a grande *Missa festiva*, com grandes e magnificos recursos coraes e orchestraes, na solenne inauguração da Igreja de Nossa Senhora da Candelaria, a 10 de Julho de 1898, cerimonia grandiosa como no seu genero jamais até então vira o Rio de Janeiro.

Nas irmandades fluminenses encontrara o propagandista de José Mauricio decidido apoio e sympathia, quer da parte dos elementos nacionaes quer dentre os da colonia portugueza.

Assim me lembro dos nomes do Visconde de Castro Guidão, do Conselheiro Ernesto Cybrão e sobretudo do Cel. Julio Cesar de Oliveira, provedor da Candelaria, que lhe commetteu o encargo de escolher a parte musical das grandes festividades consagradoras de seu mponentissimo templo.

Vingava a campanha; já repercutia fora do Rio de Janeiro. Assim, em differentes pontos do Brasil, voltavam as copias dos manuscriptos de José Mauricio ás estantes dos musicos nas festas de Igreja. Publicou a casa Bevilacqua a missa de Requiem e a em si bemol, reduzidas por Alberto Nepomuceno e impressas á custa de subscripção publica.

Excellente foi o acolhimento do publico a estas publicações.

Em Porto Alegre, distincto e apaixonado musicista o Dr. Olintho de Oliveira, á testa do club Haydn, organisou grande concerto commemorador do nascimento de José Mauricio, festival que muito deu que falar de si pelo brilho do exito e em que o *Requiem* teve soberba execução.

Na Italia contemporaneamente um dos nossos representantes diplomaticos o Dr. Francisco Badaró promovia uma audição em Roma da mesma missa funebre, valendo ella dos criticos de arte de diversos jornaes italianos elogiosas palavras.

Assim calavam, fundamente, na opinião publica os argumentos do restaurador da obliterada reputação do mestre fluminense.

Foi, infelizmente, apenas um lampejo todo este resultado penosamente obtido á custa de tanto labor. Subitamente cessou com o desapparecimento do seu ardoroso impulsionador.

Já, desde muito, gravemente enfermo a muito custo pudera acompanhar os trabalhosos ensaios das ceremonias da Candelaria. Sobremodo combalido de forças, affectado de dupla cataracta diabetica, ainda assim não abandonava as columnas dos jornaes a escrever sempre sobre o seu tão admirado compositor.

Desapparecido do mundo a 25 de Janeiro de 1899, com a sua morte recahiu José Mauricio no esquecimento. De longe em longe é o seu nome recordado e jamais se cogitou de continuar a publicação de sua musica, muito embora se vissem varias edições da missa em si bemol esgotadas pelo favor publico.

Felizmente, pouco antes de morrer, pudera o seu paladino ver realizada uma de suas mais caras preoccupações: a salvação do espolio de José Mauricio pela sua custodia conferida ao Estado.

Ultimaram-se as negociações a isto relativas cedendo a Exma. Sra. D. Gabriela Alves de Souza, a collecção de sua propriedade, e avultada, de manuscriptos originaes de José Mauricio, e copias de suas composições effectuadas por seu tio, Bento das Mercês.

Entendendo-se com meu Pae, apresentou o Dr. João P. Calogeras, que então encetava a brilhante carreira, um projecto autorizando o Estado a adquirir tão precioso acervo.

E o justificou em termos dignos de sua já grande cultura e do apreço intenso votado ás coisas da Intelligencia e do Bello.

Foi a collecção Gabriela Alves de Souza incorporada ao archivo do Instituto Nacional de Musica onde se acha bem zelada.

Infelizmente jámais se cogitou de publicar mais alguma peça sahida da penna inspirada do compositor setecentista.

Terá a musica de José Mauricio realmente o valor que lhe attribuia o seu tão ardoroso apregoador de meritos?

Preciso confessar á puridade que a seu respeito comecei sceptico.

Parecia-me que meu Pae se achava bastante auto-suggestionado, e com o senso critico algum tanto prejudicado pelos enthusiasmos do temperamento exuberante.

Outro me foi porém o modo de pensar, após a audição do *Requiem*, da protophonia da *Zemira*, da execução, accessivel aos meus restrictissimos dotes pianisticos da singela, limpida e lindissima *missa em si bemol* nascida de tão intensa e original, quanto suave, inspiração e onde surge aquella melodia maravilhosa do *Et incarnatus est*.

Fiquei totalmente empolgado pelo *Requiem*; o severo e doloroso *Introito*, a clangorosidade imponente do *Dies irae*, a mysteriosa suavidade do *Gradual*, a magestade do *Offertorio* deixaram-me totalmente convicto do valor enorme do mestre brasileiro.

Mesmo nas partes mais fracas, já reflexo do rossinianismo exaggerado do tempo, quantas bellezas! Que aria lindissima a do *Ingemisco*, mau grado o abuso das *volatas* e *fiorituras!* E que rajada de verdadeiro talento aquelles poucos e arrepiantes compassos do *In maemoria aeterna erit Justus!* Não menos inspirado o solo grandioso do *Quam olim Abrahæ*.

A *Zemira* que conhecera em 1898 reappareceu em 1916, a pedido meu, no programma musical da festa commemorativa do primeiro centenario da Escola Nacional de Bellas Artes.

Ouvia-a, pela segunda vez com enorme curiosidade e pareceu-me tão vivaz, tão cheia de alacridade e frescor como da primeira.

Foi uma evocação lindissima, da melhor factura orchestral, de um seculo atrás, a que ella proporcionou.

IV

Rapidamente se aproxima o primeiro centenario do fallecimento de José Mauricio Nunes Garcia; occorrerá a 18 de Abril de 1930.

Até agora nenhuma demonstração se deu de que se deva celebrar condignamente esta grande ephemeride nacional. Uma unica voz ao que eu saiba se fez ouvir neste sentido: a de um grande amigo do arauto do compositor o Sr. Dr. Arno Phillipp, o eminente jornalista allemão que se radicou de tal modo ao nosso paiz que o Rio Grande do Sul, reconhecendo-lhe os meritos, o galardoou com uma cadeira no seu parlamento, por diversas legislaturas.

Homem de elevada cultura, apaixonado da terra que elegeu como segunda patria, traduziu o Dr. Arno Phillipp de modo absolutamente notavel, dizem-no todos, a *Innocencia,* e esta versão lhe trouxe prolongado contacto epistolar com o romancista da novela sertaneja.

Dahi lhe nasceu o amor á gloria de José Mauricio, cuja obra conhece e avalia, á altura de elevados dotes de musicista.

De vez em quando relembra, pelas columnas da *Federação* de Porto Alegre, a necessidade de se cultuar a grande memoria do padre compositor, como no vibrante artigo *Sagrada divida nacional* publicado ha annos, em vesperas de 7 de Setembro de 1922.

Agora apesar de enfermo, ha longos mezes, veio recordar a pesada divida do Brasil para com o grande e deslembrado filho, em eloquente escripto subordinado ao titulo: *Pelo centenario de um genio brasileiro.*

Appella o eminente publicista para os poderes publicos, as grandes instituições literarias e artisticas do paiz. E' preciso publicar alguma coisa do acervo de tão illustre vulto, «para que não só os brasileiros como a Humanidade possam receber o legado intellectual que elle lhes deixou».

Ao Sr. Presidente da Republica devem a historia e a heuristica nacionaes serviços como nenhum de seus antecessores jamais de longe os prestou.

Mais de cincoenta mil paginas *in quarto,* de documentação

cerrada representa a impressão devida á sua unica iniciativa das series inestimavelmente preciosas das *Actas da Camara de Santo André da Borda do Campo e da Camara de S. Paulo, do Registro Geral da Camara de São Paulo, e das Sesmarias,* dos *Inventarios* e *testamentos,* dos *Documentos Historicos do Archivo Nacional e da Bibliotheca Nacional.*

A essas grandes vias de penetração e circulação que tanto lhe são caras, assignalou frequentemente com muitos dos mais bem inspirados padrões evocadores do passado do Brasil e da memoria dos servidores notaveis do paiz. Erigiu aquelles bellos monumentos, que tão alto falam aos corações brasileiros da grandiosidade quadrisecular da mais illustre estrada do Brasil, o Caminho do Mar como o *Cruzeiro de Anchieta,* o *Pouso de Bernardo de Lorena* e o *Rancho da Maioridade.* E ultimamente mandou erigir nas estradas da Tijuca padrões que recordam a vida e os serviços de adoradores eminentes daquella Natureza estupenda a que tanto tambem admira e tem protegido.

Assim distraia um pouco de sua feição eminentemente nacionalista para a divulgação de um opulento acervo que continua quasi intacto encerrando preciosissimas gemmas; o de José Mauricio Nunes Garcia.

Não custará avultadas sommas a impressão de algumas das obras mestras do compositor, que poderão ser seleccionadas por uma commissão dos nossos compositores da primeira plana como entre outros os mestres Henrique Oswaldo e Francisco Braga, por exemplo.

Assim possa o Sr. Presidente da Republica, em nome da Nação, promover esta oblação da justiça e da gratidão nacional para com a memoria do grande brasileiro, o compositor genial e humilde, a quem o Brasil — dizia a 22 de Setembro de 1895 o pregoeiro incansavel do seu valor «ainda não pagou um ceitil da divida da admiração e reconhecimento a que tem inconcusso jús, com prejuizo e desprestigio para toda a Nação, que assim mostra desconhecer o thesouro que possue: não para José Mauricio Nunes Garcia, que assentou solidas bases aos seus direitos á immortalidade e póde sempre appelar para a mais remota posteridade».

S. Paulo 20 de abril de 1929.

AFFONSO DE E. TAUNAY

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA

PRIMEIRA PARTE

I

José Mauricio Nunes Garcia e Marcos Portugal. Triumpho notavel do compositor brasileiro.

Quando a familia real de Bragança aportou em começos do anno de 1808 á capital da grande colonia portugueza tinha o compositor brasileiro padre José Mauricio Nunes Garcia de idade 41 annos (1) e muito embora pauperrimo e em extremo modesto, além de homem de côr, gosava já no Rio de Janeiro de extensa e lisonjeira nomeada como musico de larga esphera e eximio improvisador no orgão, piano, cravo e viola de cordas metallicas.

Mestre de capella da Sé antiga desde 1798 (2) e senão mais notavel dos discipulos do *Conservatorio dos Negros,* primitivamente fundado na fazenda de Santa Cruz pelos jesuitas para a educação musical dos pretos e mulatos (3), como quer o Sr. Joaquim de Vasconcellos, pelo menos filho aproveitadissimo das tradições daquella util instituição que devera ter cessado com a expulsão dos seus organizadores, desen-

(1) Nascêra a 22 de Setembro de 1767 — *Revista do Instituto Historico,* tomo 19, pag. 355.
(2) Idem.
(3) *Os musicos portuguezes,* tomo I, pag. 114.

volvêra sempre José Mauricio tantos esforços, tão consciencioso actividade e tão grande somma de talento no desempenho cabal do seu emprego, que, desde os primeiros dias de chegada da corte portugueza a esta capital, mereceu do principe regente D. João attenções especiaes e a mais formal protecção.

D'ahi, ciumes e sérias queixas, além de muitas intrigas, na colonia dos artistas trazidos de Portugal; d'ahi, o verdadeiro alvoroço de triumpho com que os gratuitos inimigos de José Mauricio, os invejosos da sua capacidade e até virtudes, acolheram a noticia de que fôra chamado de Lisboa o celebre Marcos Portugal para vir dirigir e, com importante reforço de cantores e instrumentistas, dar maior realce ás já pomposas festas de igreja, que, sem cessar, se succediam na capella real, no palacio de S. Christovão e na fazenda de Santa Cruz.

Competencias de nacionalidade que iam surgindo e, mais que isto, preconceitos de côr a se accentuarem, apezar da serena igualdade com que o regente e os membros da real familia a todos acolhiam, já haviam suscitado vehementes crises, que o genio calmo de José Mauricio, sua indole meiga e superior, sua assiduidade no trabalho e os seus desejos de agradar não podiam, já não dizemos vencer e derrocar, mas pelo menos attenuar (1).

Foi em 1811 e não em 1813, (2), que desembarcou no Rio de Janeiro o famigerado Marcos Portugal, cujo nome, conseguindo transpor as raias da patria, era com applauso repetido em toda a Italia e repercutira até na longinqua Russia, onde foram, de 1793 a 1796, representadas, depois de traduzidos os librettos, 3 das suas 40 operas.

---

(1) O Snr. Joaquim de Vasconcellos, referindo-se ás lutas a que esteve sujeito José Mauricio, faz justiça ao seu elevado caracter, tomo II, pag. 65.
(2) *Revista do Instituto*, tomo 19, pag. 359.

Apenas de chegada, correu Marcos Portugal á quinta da Boa Vista a beijar as mãos da augusta familia e della teve tal recebimento de agrados e amabilidade, que aos desaffectos de José Mauricio pareceu irremediavel a sua desgraça, como então se chamava o retrahimento do favor dos principes.

— Ha aqui um homem de côr, disse a princeza D. Carlota para o famoso maestro, que é notavel na musica.

— Já ouvi contar, respondeu Marcos Portugal.

— Mas quero o seu juizo...

— Obedecerei a Vossa Alteza Real... Creio que domingo...

— Não esperarei por domingo. Venha cá amanhan, que mandarei chamar o José Mauricio. Traga algum trecho novo para piano. Veja bem que o Principe costuma chamal-o o *novo Marcos*.

Empallideceu de despeito o autor do *Demofoonte*, inclinou-se e despediu-se. (1).

No dia seguinte, com effeito, encontraram-se á tarde em São Christovão, os dois artistas, um todo cheio de seus triumphos e glorias, naturalmente arrogante, cercado do immenso prestigio que lhe haviam dado as ovações das platéas de todo o mundo civilizado, possuido do seu papel de autoridade incontrastavel e arbitro supremo; outro, José Mauricio, mulato, pobre, timido, personalidade totalmente desconhecida fóra de limitado circulo, alheio á influição dos grandes centros da Europa, desajudado do exemplo e da audição dos mestres, sem nunca ter saido da colonia e até da cidade natal, entregue ás suas proprias inspirações e havendo ganho o pouco que era a poder de muita vocação natural, aturado estudo e penosas elocubrações, dispondo só de apoucados re-

---

(1) Foi-nos, em 1870, contado esse episodio em todos os seus pontos por pessoa contemporanea, digna de todo o conceito.

cursos em todos os sentidos a bem da expansão da sua indole artistica.

Dirigiram-se aos aposentos particulares da princeza D. Carlota; Marcos Portugal adiante com a compostura de sobranceiro juiz «tão grande a sua impostura, escrevia pouco tempo depois Santos Marrocos em carta para Lisboa [1] que os mesmos que o obsequiaram contra elle se levantam, natural a sua circumspecção, olhos carregados, cortejos de superioridade, emfim apparencias ridiculas e de charlatão».

Atraz seguia José Mauricio, todo perturbado, fulo de commoção e tão inquieto do que lhe ia succeder, que as mãos lhe tremiam, muito embora todo o esforço por se dominar.

Já estavam os principes sentados numa sala em que se ostentava, não um modesto cravo, mas soberbo piano [2] de fabricação ingleza, rodeado de pessoas da côrte especialmente convidadas para aquella inesperada exhibição dos meritos do organista da Sé antiga, com exercicio tambem na capella real.

Depois de obtida venia, desenrolou Marcos Portugal com calculada solemnidade uma peça de musica que trazia e passou-a a José Mauricio, perguntando-lhe se já ouvira falar naquelle autor.

Era uma das mais difficeis sonatas de Francisco José Haydn.

Com voz sumida e a gaguejar, respondeu o padre que, desde muito, conhecia grande parte do repertorio do eximio mestre [3] a quem dedicava culto especial. E,

(1) Joaquim de Vasconcellos, *Os Musicos portuguezes*, Tomo II, pag. 63.

(2) Naturalmente da fabrica de Broadwood de Londres, a qual succedera á de Zumpe creada em 1760 e cujos instrumentos conservaram merecida reputação até nossos dias. No paço de S. Christovão ainda havia desses pianos até 1889.

(3) «José Mauricio, diz Joaquim de Vasconcellos, possuia a collecção mais completa de musica que havia no Brasil e mandava vir constantemente as melhores composições que appareciam na Allemanha, Italia, França e Inglaterra.» *Musicos Portuguezes*, tomo I, pag. 114.

com effeito, José Mauricio, nas suas palestras sobre arte, collocava Haydn acima de Haendel, a par de Mozart e só abaixo de Beethoven, que costumava denominar divino.

Mostrou-se Marcos Portugal não pouco admirado.

— Então por cá já sabem disso? exclamou com enfado. Na Italia é nome quasi desconhecido.

— Pois, Sr. José Mauricio, ordenou a princeza D. Carlota, faça-nos ouvir tão grande novidade.

— Nunca toquei esta sonata, objectou o padre, e Vossa Alteza...

— Mas dizem que Você tira musica, como quem lê letra redonda... Sente-se, sente-se ao piano.

Não havia recuar.

Obedeceu o artista, e, aos primeiros acórdes, fez-se completo silencio.

Começou a sonata.

A principio, José Mauricio se não claudicou, pelo menos mostrou tibieza na execução.

A pouco e pouco, porém, foi-lhe voltando a salvadora calma. Concentrou-se, chamou a si toda a sua energia e, reagindo contra o abalo que lhe escurecia a vista e lhe prendia as mãos, foi levando de vencida todas as difficuldades da primorosa obra, já esquecido do local em que se achava e de corpo e alma entregue ás maravilhosas deducções harmonicas do insigne allemão, cujas paginas interpretava com expressão e facilidade cada vez mais accentuadas.

D'ahi a instantes tambem pertencia elle exclusivamente á grandeza da concepção que ia vivificando por modo todo seu, fazendo, dos seus dedos já firmes e de novo escravos submissos da intelligencia e do sentimento, jorrar bellezas sem conta, que em todos os ouvintes infundiam pasmo e indizivel enleio.

Muitos, voltados para Marcos Portugal, liam na

physionomia do orgulhoso mestre a successão das impressões que gradualmente o estavam avassalando, physionomia no começo fria, desdenhosa, ironica, logo depois, attenta, surpresa, e por fim cheia desse enthusiasmo expansivo, que a alma verdadeiramente artistica não póde reprimir, nem occultar e irrompe com força incoercivel na lealdade do seu arrebatamento.

José Mauricio, porém, nada via; estava todo com Haydn.

No andante deu tal melancolia ao thema dominante, fez por tal força realçar a frase melodica, que nas composições de Haydn perpassa insistente, como indecisa chamma por sobre torrentes de harmonias encadeadas, arrancou do piano taes vozes, tão plangentes e novas — as lagrimas, de que fala Mozart [1] — que por toda a sala e contra as regras da etiqueta circulou um sentido bravo.

Continha-se, porém, o arbitro de quem tudo dependia; mas quando José Mauricio atacou o *presto* final e, sem discrepancia de uma nota, com a nitidez de magistral interpretação, destrinçou os motivos que, aos quatro e cinco intimamente se travam naquelle estylo fugado de pasmosa riqueza e exuberancia, Marcos Portugal não teve mais mão em si, poz-se, talvez mau grado seu, de pé e ao morrerem os ultimos e vigorosos sons da sonata, precipitou-se para aquelle que de repente se constituira seu igual e, no meio dos calorosos applausos dos principes e da côrte, apertou-o nos braços com immensa effusão.

— Bellissimo, bradou elle, bellissimo! E's meu irmão na arte; com certeza para mim serás um amigo!

---

(1) «Ninguem, disse Mozart, tem mais delicadeza no gracejo nem mais lagrimas na emoção do que José Haydn. Só elle é que tem o segredo de me fazer sorrir e me levar a impressão ao intimo da alma.»

Voto sincero, partido do fundo do coração, mas que se não realizou senão muitos annos depois, separados aquelles dois robustos talentos, dignos da estima e do respeito reciprocos por baixas intrigas e violentos odios, de que foi victima nobre e resignada o glorioso compositor brasileiro.

II

Marcos Portugal, grande celebridade ha um seculo, hoje esquecido. Sua hostilidade contra o compositor brasileiro. As cartas de Santos Marrocos.

Não é descabido nem falto de interesse, antes de continuarmos este rapido e nada methodico esboço biographico do nosso grande José Mauricio, procurarmos evocar aqui do esquecimento em que caiu a figura de Marcos Portugal (1) tão importante e respeitada no mundo musical, em começos do cadente seculo.

A sua vida, que occupa não poucas paginas da *Biographia universal dos musicos* de Fetis, depois das investigações mais individuadas de Innocencio da Silva (2) e do intelligente e cuidadoso apanhado feito por Joaquim de Vasconcellos no seu diccionario *Musicos portuguezes*, da pag. 44 a 132, tomo II, está perfeitamente aclarada e poucos pontos de duvida ainda offerece a pacientes investigadores.

Em 1787, o maestro portuguez, tendo de idade 25 annos, colhêra em Genova pasmoso triumpho com a sua opera *La baceleta portentosa* e, desde então, as suas producções scenicas, em numero de 29, represen-

(1) Marcos Antonio da Fonseca Portugal. Nascêra em Lisboa a 24 de março de 1762.
(2) *Archivo pitoresco*, Tomo XI, pags. 241, 290, 311, 334 e 350.

tadas na Italia, foram outras tantas victorias nos primeiros theatros daquelle paiz, donde passaram para todos os mais da Europa.

Sete annos depois, em 1794, cantou-se em Milão, no meio de grande enthusiasmo o *Demofoonte*, que é considerado a sua obra prima e quatro annos após, *Fernando no Mexico*, com exito ainda maior, se possivel fôra. «No genero serio, diz F. Fetis, o *Demofoonte* e *Fernando no Mexico* collocaram Marcos Portugal entre os melhores compositores da Italia, onde os seus trabalhos eram acolhidos com unanimes applausos».

Num periodo de 11 annos mais de duas dezenas de operas suas foram ali representadas, o que deixa bem patente a pasmosa facilidade com que as escrevia. Dentre essas, subiram 20 á scena em Lisboa, 7 na Allemanha, 3 na Russia, 1 em Londres; e quando, em 1801, por ordem de Napoleão se reabriu, em Pariz, o Theatro italiano, uma das peças representadas logo foi *Il sedicente filosofo*, da lavra do maestro portuguez.

Não sómente o seu renome artistico era dos mais estrondosos no mundo musical de então, apezar do terrivel tinir das armas, que devia abafar todos os outros ruidos, como se haviam as suas composições tornado obrigadas ás mais notaveis festas artisticas.

Assim não se dava concerto algum em que deixassem de figurar as celebres arias, que as cantoras Catalani e Bellington, destacando-as da *Semiramide* e *Sofonisbe*, gorgeavam admiravelmente e tinham popularisado em todas as côrtes da Europa.

Na correspondencia familiar dos contemporaneos — um dos melhores subsidios, de certo, que a critica moderna encontra para a restauração do passado e reconstituição dos caracteres que nelle tiveram algum vulto e significação — achamos especificação muito particular do extraordinario orgulho de que se possui-

ra Marcos Portugal, pela rapida e brilhante carreira, orgulho incommodativo ás pessoas da habitual convivencia e que não pouco ridiculo para si chamava, provocando malquerença e desagradaveis reacções.

Em carta a seu pai, residente em Lisboa, escrevia a 29 de outubro de 1811 Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, official de secretaria no Rio de Janeiro sobre Marcos Portugal, e aquella data não deixa duvidas acerca do anno em que viera o maestro para o Brasil:

«Aqui teve elle uma especie de estupor, de cujo ataque ficou leso de um braço; tinha obtido de S. A. R. uma sege effectiva, ração de guarda roupa, 600$000 de ordenado e do real bolsinho aquillo que S. A. R. julgasse lhe era proprio e conveniente; além disto, ser director geral de todas as funcções publicas, assim de igreja, como de theatros, e em qualquer sentido; e para o *parto* espera tambem uma commenda».

Alludia o missivista ao proximo *bom successo* da infanta filha do Principe Regente.

A 7 de outubro de 1812, esse mesmo Marrocos escrevia ainda, referindo-se ás attenções que Marcos Portugal merecia da gente da côrte, imitando os exemplos partidos da familia real: «Está feito um lord com *fumos mui subidos*. Por certa aria que elle compoz para cantarem tres fidalgas em dia dos annos de outra, fez-lhe o conselheiro Joaquim José de Azevedo um magnifico presente, que consistia em 12 garrafas de vinho de champagne (cada garrafa no valor de 2$800 réis) e 12 duzias de vinho do Porto. Elle já quer ser commendador e argumenta com Franzini e José Monteiro da Rocha».

A 28 de setembro de 1813 o mesmo ferino critico correspondente, insistindo naquella nota satyrica, escrevia:

«Esse barão d'Alamiré tem ganhado a aversão de todos pela sua fanfarronice, ainda maior que a do pão de ló (*sic*): é tão grande a sua impostura e soberba por estar acolhido á graça de S. A. R. que tem levantado contra si a maior parte dos mesmos que o obsequiaram: é notavel a sua circumspecção, olhos carregados, cortejos de superioridade, emfim apparencias ridiculas e de charlatão.

Já tem desmerecido nas suas composições, e um grande musico e compositor de Pernambuco que aqui vive e um seu antagonista, mostra a todos que o quizerem ver os lugares que Marcos furta de outros autores, publicando-os como originaes».

Que grande musico e compositor de Pernambuco seria esse de que fala Santos Marrocos? Não nos diz. Parece certo referir-se a José Mauricio, mas este não era nortista. Demais não estava na sua indole paciente e soffredora andar desfazendo por esse modo no tão illustre companheiro d'arte, bem que este já então não poucos dissabores lhe fizera curtir.

«Como está, prosegue a carta de Santos Marrocos, constituido director do theatro e funcções musicaes, quanto á musica tem formado grandes intrigas entre musicos e actores, do que se tem originado enormes desordens.

Do novo theatro que vai abrir-se para o dia 12 de outubro e que tem sido feito á imitação e grandeza do de S. Carlos, a troco de despezas incriveis, queria Marcos ser despotico director com 2:000$ réis além de beneficios e o melhor camarote de bocca; como encontrasse duvidas no seu emprezario, tem-se empenhado em desviar os cantores e para isso obrigando-os a exigir grandes mezadas.

«E' riso vel-o á janella e em publico, todo empoado e emproado, como quem está governando o mundo; mas emfim tem um grande padrinho e por ser este quem é, vê-se affagado por todos. Bem dizia

o desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, chamando-lhe o *rapsodista Marcos*.

«O Placido, irmão de Militão, morreu ha dias de suas grandes molestias e com elle vagaram tres officios; o maior que é de *Inquiridor das justificações do Reino*, no conselho da Fazenda e que rende de 4 para 5.000 cruzados, foi logo requerido por 36 pessoas, entre ellas alguns guarda-roupas; porém a todos elles foi preferido o Sr. Marcos Antonio Portugal, a quem S. A. R. conferiu a propriedade do dito officio, com uma pensão de 400$ annuaes para a irman do dito Placido, ora aqui recolhida no convento da Ajuda.»

Em relação ao irmão de Marcos, Simão Portugal, tambem musico de nota e que até tocava melhor piano do que elle [1], dizia Santos Marrocos:

«O tal Simão é organista da Capella real com os seus 300$ réis e appendices, ignoro se com ração: porém, o irmão tem'no introduzido com os seus conhecimentos, de sorte que ha grangeado muitos discipulos e discipulas, que mandam suas seges á casa buscal-o; eu o tenho visto mil vezes nas ditas seges e entre ellas a da duqueza de Cadaval; por isto não tem razão de lamentar-se, porque é mui natural lhe provenham grandes interesses do seu exercicio.»

Parece que todos esses sentimentos hostis de Santos Marrocos provinham, ou se haviam exacerbado, com o pouco caso que o maestro mostrara por uns manuscriptos enviados pelo pai, Francisco José dos Santos Marrocos, bibliothecario no paço da Ajuda, em Lisboa, ao Regente D. João.

Em data de 3 de julho de 1812, dizia elle, do Rio de Janeiro: «Tambem me lembra communicar a V. Mercê para guardar no seu canhenho, que o rapsodista Marcos Antonio Portugal, celebre candidato

(1) Joaquim de Vasconcellos, *Os musicos portuguezes*, Tomo II, pag. 132.

na fidalguia pela escala de dó, ré, mi, indo ver os manuscriptos, teve a insolentissima ousadia de me dizer, *que todos elles juntos nada valiam e que S. A. R. não fez bem em os mandar vir, antes deviam ser recolhidos na Torre do Tombo!* Logo me lembrou o dito do Horacio *risum teneatis, amici?* porém, mettendo a coisa a disfarce, olhando para os ares lhe respondi que o tempo estava mudado e promettia chuva. Foi tão besta que não entendeu; antes, dando quatro fungadellas, voltou as costas e poz-se a ler os versos de Thomaz Pinto Brandão. Que lastima!»

Não era porem a opinião de Santos Marrocos de peso na côrte e em assumptos musicaes, e mais se augmentou a intoleravel fatuidade de Marcos Portugal com a sua eleição, em 1815, a socio correspondente do Instituto de França por indicação dos grandes compositores francezes Monsigny, Lesueur e Méhul, que o tinham como disseram na proposta, em conta de *um dos homens que mais serviços prestaram ás artes*.

A's accusações de profundamente vaidoso que lhe faziam os contemporaneos, responde Joaquim de Vasconcellos com enthusiasmo:

«Vaidoso! Pudera; não o podia ser um homem recebido e victoriado em toda a Italia, nos primeiros theatros de Turim, Verona, Florença, Milão, Napoles, Bolonha, Ferrara, Veneza, Placencia, um homem cuja fama tinha penetrado na França, na Allemanha, na Inglaterra, até na Russia, na America, no velho e no novo mundo?

«... De certo que todas as honras que conseguira haviam afinal de convencer o artista do seu merito e então negavam-lhe a convicção do seu justo valor?

«Dizem, que, quando estava na côrte occupando o seu lugar, se tornava reparado pelos seus ademanes excessivos, improprio do lugar e dos actos religio-

sos; os invejosos vão até mais longe, dizendo que era tão pretencioso que regia a orchestra do theatro de S. João de um camarote. Concebe-se similhante absurdo?»

Não ha duvida possivel; a importancia musical e a nomeada de Marcos Portugal eram grandes, muito grandes no tempo e no meio em que viveu. Entretanto, pouco duraram e quasi que de repente se fez em torno desse nome silencio e silencio tão inquebravel, que fôra, cremos, um impossivel levantal-o das profundas do esquecimento, em que se abysmou.

Cumpre, porém, respeitando a verdade historica, não desconhecer o elevadissimo conceito que dos contemporaneos merecera. Tratando-se de musica, deve-se enxergar nelle um destes fulgentes astros, estrella até de primeira grandeza, que de subito desapparecem para sempre dos céus, sem deixar de si o menor signal. E a um desses se refere Tycho-Brahe em seus calculos astronomicos, portanto em época relativamente proxima da nossa.

Marcos Portugal, filho todo elle da escola italiana, em caminho de completa decadencia, a que teria logo chegado se não fôra o genio exuberante e omnimodo de Rossini, Marcos Portugal compondo com extrema facilidade pelo uso e abuso das formulas convencionaes, commodas e muito batidas do seu tempo, não soube ou não poude infundir em nenhuma das suas obras essa força e musculatura, capazes de salvar uma producção, ou por inteiro ou em alguma das suas partes, da acção dos annos ou da depressão do confronto com outras, dotadas de mais inspiração e vitalidade.

Não dava elle, como aliás os melhores mestres italianos nos fins do seculo passado, valor algum á orchestra, que se tornava mero e monotono acompanhamento, ficando perdidos todos os immensos recursos, que della já tirava a escola allemam.

Visava só ao effeito vocal, fazendo de todas as occasiões e situações dramaticas pretexto para interminavel successão ou antes deducção de *volatas, fiorituri, grupetti* e *trinados* encadeados. Era um gorgear sem fim, sem vigor, sem contraposições, uma tonalidade uniforme sem claros, nem escuros, com chavões hoje insupportaveis aos nossos ouvidos, *chapas* e acervo de banalidades melodicas inaturaveis ao mais fanatico enthusiasta das melodias de Bellini e Donizetti.

Acreditamos, comtudo, que a sua aria *Son regina*, que Fetis chama famosa, cavallo de batalha da Catalani, e que Joaquim de Vasconcellos analysa com algum cuidado e bastante benevolencia, acreditamos que produza ainda agradavel impressão, cantada por voz fresca e bem educada; mas, quando ha agora tanta cousa notavel a ouvir-se, pelo impulso que á musica moderna deu o genio de Ricardo Wagner, querer, com o illustre biographo portuguez, resuscitar Marcos Portugal, é uma dessas tentativas só possiveis ás exagerações do *chauvinismo*.

D'onde provinha, porém a maneira, flacida, diluida, affectada e piégas do tão applaudido *Portogallo?* Da escola que adoptara desde os primeiros tempos da sua mocidade e, força é convir, da unica que podia ter seguido por grande numero de razões, muitas até de ordem geographica. E, nem de proposito, conceituado escriptor (verdade é que de passagem) affirma que Marcos Portugal fôra discipulo de Haydn!

Se tal se tivesse dado, natural é que com o talento de que incontestavelmente dispunha o maestro portuguez, a sua obra, em vez de afundar-se no olvido e no silencio, ter-se-ia pelo contrario erguido cada vez mais, pois nella estariam contidos os germens dessas grandes novidades que decorrem em linha recta dos primeiros classicos allemães e tamanha influencia têm nos melhores productos da arte hodierna.

Marcos Portugal nunca foi, nem podia ter sido, discipulo de Haydn. Nome muitissimo mais modesto e com bons motivos perfeitamente desconhecido — o maestro Borselli, professor em Lisboa e cantor lá pelos annos de 1770 e tantos, dirigiu os seus estudos.

Como poderia, além disto, receber lições do eximio mestre allemão? Nunca viajou elle a Allemanha, e Haydn só saiu da sua patria para ir duas vezes a Londres dar concertos.

Por todas as razões, pois, de separação — desde as escolas completamente antagonicas até as de distancias nunca vencidas — não ha relação alguma entre o esquecido Marcos Portugal e o inolvidavel, immortal, Francisco José Haydn.

Das 40 operas de Marcos Portugal, já dissemos, 29 foram cantadas em varios theatros da Italia, 20 em Lisboa, 7 na Allemanha, 3 na Russia, 1 em Pariz, 1 em Londres e 3 no Rio de Janeiro. Foram estas: 1.º *Demofoonte,* executada no theatro regio de S. João a 17 de dezembro de 1811, anniversario da rainha D. Maria I. Entre os cantores só havia a primadona italiana, uma tal Scaramelli, que creara o papel em Lisboa no theatro S. Carlos em 1806. 2.º *L'oro non compra amore,* cantada a 22 de agosto de 1817. 3.º *Mérope,* a 8 de novembro daquelle anno de 1817.

Ignoramos se dessas 40 partituras, algumas foram dadas aos prélos e existem impressas.

A obra sacra de Marcos Portugal é muito copiosa e della se executam, ainda hoje, não poucas nas festas religiosas do Rio de Janeiro. São mais notaveis a *Missa a grande orchestra,* cantada na capella real em 1814 e o *Te-Deum* executado em 1820.

Marcos Portugal, conforme vimos na carta de Santos Marrocos, soffrera em 1811, já no Rio de Janeiro, um primeiro ataque apoplectico; em 1817 teve segundo, e do terceiro veiu a fallecer a 7 de fevereiro de 1830 quasi completos 68 annos de idade.

Por occasião da partida do rei D. João VI, ficara no Brasil por vontade propria ou a isso forçado, o que é mais provavel. Embora protegido sempre pelo principe regente D. Pedro, depois imperador, supportou não pequenos desgostos, soffreu grandes córtes nos honorarios e teria no fim dos velhos dias curtido até miserias, se não encontrasse carinhoso amparo na casa da marqueza de Aguiar.

Duramente expiou Marcos Portugal o muito orgulho que de si tinha, alliado á extrema e pueril vaidade.

III

Informações do Barão de Taunay sobre D. João VI e sua côrte. O acervo inedito de José Mauricio. Baldada tentativa em prol de sua impressão em 1888.

O episodio que deixamos em começo narrado, e em que figuraram José Mauricio e Marcos Portugal, foi-nos contado com toda a minucia e vivacidade de colorido por illustre testemunha quasi de vista — meu pai, o barão de Taunay. E quantos incidentes curiosos e do maior interesse, verdadeiras e largas perspectivas abertas sobre a vida de então do Rio de Janeiro, não nos referiu elle sobre o rei D. João VI e a sua côrte?!

Desde a chegada da familia real ao Rio de Janeiro, acompanhada de perto de quinze mil emigrados de Lisboa, era de regra que a nata delles fosse diariamente, das 4 ás 6 horas da tarde, a S. Christovão beijar as mãos do regente e mais principes e saber noticias da saude da rainha Mãe, a Senhora D. Maria I.

Via-se, então, a estrada que do interior da cidade vai ter á Quinta da Boa Vista — e a cidade ia só até ao largo do Rocio Pequeno, sendo a linha do Aterrado uma lingueta de terra rodeada em todo o seu percurso de larguissimos brejos maritimos — via-se aquella estrada cheia de gente, alguns em *seges, traquitanas e sociaveis*, não poucos a cavallo ou montados em bestas e muitos a pé, levando suspensos meias, sapatos e borzeguins até ao ribeirão do Maracanã, então copioso em aguas, onde lavavam os pés empoeirados e se calçavam.

No palacio, não havia uma só cadeira, para que ninguem se pudesse sentar, circulando, por entre os grupos, as pessoas reaes, que a todos distribuiam sorrisos e amabilidades. E quem deixasse de comparecer a essas recepções familiares incorria logo em reparo e estranheza.

Naquella mescla de omnipotencia do monarcha autocratico e muita meiguice de genio, tudo temperado por extrema *bonhomia* e — sejamos imparciaes — notavel deficiencia, senão falta radical de instrucção, davam-se episodios e scenas, dignos, por certo, de ser relembrados.

Uma vez, queixava-se um official de marinha de haver sido preterido, tocando-lhe por direito o accesso a 2.º tenente, do que apresentava provas e documentos.

— Mas o senhor já foi 1.º tenente? perguntou o rei.

— Não, senhor.

— Então como quer passar logo a 2.º tenente? Sr. ministro, faça promover este homem a 1.º tenente, elle tem direito!

Debalde impugnava com todo o respeito, já se sabe, o ministro, procurando esclarecer o caso, D. João VI bradava irado:

— Não quero, não admitto, basta de escandalos! Promovi já o homem; obedeçam.

E assim se fez.

Em certa epoca, julgou o rei dever dar a algumas pessoas distinctas do Brasil, titulos de fidalguia, escolhendo nomes de localidades brasileiras e portanto de feição indigena.

— Já viu a minha nobreza? perguntou elle a alguem. Como a acha?

Que havia de responder o interpellado, senão que optima, excellente?

Sorriu-se D. João VI e tomou longa pitada.

— Nobreza, tambem não, tafetá... tafetá!...

E muito satisfeito com a lembrança, repetiu logo o dito a varios.

Apezar da qualidade inferior da fazenda, eram taes graças em extremo ambicionadas.

Numa daquellas tardes a que alludimos, um fidalgo portuguez, de nome Noronha, atirou-se aos pés do rei.

— Que é isto? Que novidade temos?

— Não me levanto do chão, emquanto Vossa Magestade não conceder o titulo de conde para...

— Para quem? Para ti?

Levantou-se muito depressa o cortezão todo radiante e, em voz alta e triumphante, annunciou:

— Palavra de rei não volta atraz; estou feito conde de Paraty.

E o monarcha concordou e, com a eterna pitada, poz-se a rir.

— Pois vá lá... teve espirito, não ha duvida... teve espirito!

Quanta intercurrencia, porém, quando precisamos encetar o assumpto capital, falar em José Mauricio, um dos homens mais illustres que o Brasil tem até agora produzido, nome infelizmente ainda não cercado do prestigio a que tem direito, vagamente conhecido por alguns, apreciado na cabal medida do que vale por muito poucos e para a quasi totalidade dos brasileiros desprovido de qualquer significação.

Se, de vez em quando, lá de longe em longe, figura esse nome nos annuncios de festividades religiosas, parece nada mais ser do que reminiscencia de tempos idos, evocação da época de D. João VI, a que

ninguem deve dar importancia. Rarissimos são, pois, nesta cidade do Rio de Janeiro aquelles que acódem ao chamado, com a convicção formada de que vão ouvir trechos de musica de incontestavel valor, obra emfim de grande mestre, na extensão da palavra.

A sua reputação está, por emquanto, encerrada dentro do limitadissimo circulo de artistas que compõem a orchestra das nossas igrejas em dias de solemnidade e de pequeno numero de entendidos e *dilettanti*, todos avelhantados e mais ou menos chegados aos contemporaneos do nosso mal julgado compatriota.

E', pois, mais que tempo de reagir-se contra esse deploravel abandono e inqualificavel indifferença, que tão altamente depõem contra nós, deixando em espessa sombra um vulto, que nos honra e na Europa já devêra ser acatado como gloria musical e gloria brasileira.

Constituem as numerosas composições do padre José Mauricio precioso thesouro, que tem sido até aos nossos dias tratado, digamol-o francamente, com a maior *indignidade*. Espalhadas por mãos de particulares que não lhe sabem a valia ou desordenadamente amontoadas no archivo da antiga Capella Imperial debaixo de espessa camada de poeira (imagine-se o que será hoje com as obras da Cathedral!) *não ha nenhuma que esteja impressa*, de maneira que nos manuscriptos devem-se ter dado — e já se deram — perdas e truncamentos irreparaveis, irremediaveis, fruto da ignorancia, da desidia e do feio esquecimento.

Convém quanto antes atalhar-se o mal.

Não temos tanta gente que fale de nós ás nações civilizadas, para que estejamos tratando de resto o pouco que nos pertence e, com o nosso habitual e vergonhoso indifferentismo ás coisas de arte, impedindo que um compositor da ordem de José Mauricio seja applaudido e venerado pelo mundo inteiro e collocado a

par dos maiores compositores sacros, que a Allemanha, a Italia e a França apregoam com orgulho.

Será, de certo, uma reivindicação tardia, mas que, ainda assim nos ha de engrandecer — *quæ sera tamen.*

Datam, aliás, de longe os nossos esforços nesse empenho, em que só encontrámos tropeços e desillusões.

Luziu-nos, uma vez, fagueira esperança, quando ministro dos negocios interiores do então imperio, o Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira. Mostrando-lhe com instancia a urgencia de se encarregarem alguns professores habilitados e intelligentes do estudo serio e aprofundado da obra completa do eminente brasileiro, pediamos, quando menos, a reducção para piano das suas composições de mais fama — por exemplo, o solemne *Requiem* que Neukomm, um allemão, não duvidou collocar a par do divino Mozart — devendo aquellas reducções ser impressas na Europa, em Leipzig ou em Vienna, por preços relativamente insignificantes.

Foi a idéa acolhida com real satisfação; mas, nem de proposito pouco tempo depois, saía aquelle ministro do poder.

Com excepção desse, nenhum outro quiz attender-nos, ou, por pouco que fosse, favonear os projectos que apresentámos ao senado e á camara dos deputados — provocando a nossa insistencia não pouco caso e até riso. Doloroso nos é denunciar facto tão deprimente para a mentalidade do parlamento brasileiro!

Não falavamos levados por exageração patriotica, por esse *brasileirismo* mal fundado e quasi ridiculo que tem sido uma das causas do nosso atrazo intellectual e artistico; não, sobre José Mauricio ha opiniões da maior competencia e imparcialidade, conforme adiante veremos.

Consultem-se as autoridades na materia, ouça-se o juizo dos profissionaes que conhecem e estudam José Mauricio, e verificar-se-á que não são improcedentes, de um lado, o enthusiasmo que nos incute esse mestre, de outro o desgosto por vel-o tão menoscabado na patria, que delle devêra, ha longo tempo, ufanar-se e para a qual tanto trabalhou, sósinho, cercado de inimigos e desajudado de todos os meios que encaminham os homens á felicidade e ás grandezas, cheio, porém, daquella chamma, daquella confiança e inspiração, que os levam á immortalidade.

IV

A biographia de José Mauricio. A noticia de autoria de Araujo Porto Alegre.

Examinemos agora mais de perto alguns dados biographicos relativos ao grande compositor e, compulsando varios artigos que delle se occupam, rectifiquemos erros de datas e de apreciações, deduzindo, á medida que se nos apresentar ensejo, ligeiras considerações que mais ou menos directamente se prendam ao assumpto. Não seguimos nenhum plano traçado de antemão. Escrevemos, sem prévia coordenação o que nos forem ministrando a penna e a consulta de diversas fontes de informação.

Entre ellas, a mais copiosa, donde decorreram todas as outras, é, sem duvida alguma, a noticia dada por Manoel de Araujo Porto Alegre, no ensaio que denominou *Iconographia brasileira* e impresso no tomo XIX da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (1) da pag. 354 á pag. 369, e com o sub-titulo de *Apontamentos sobre a vida e obras do padre José Mauricio Nunes Garcia.*

Nesse volume não vem a lista das composições do mestre, porém sim no tomo XXII, da pag. 504 a

(1) 3.º trimestre de 1856, n. 23.

506, após o catalogo muitissimo mais desenvolvido das de Marcos Portugal.

Esse mesmo ról é em extremo deficiente, porquanto só encerra, conforme declaração da ementa, as musicas escriptas até ao dia 6 de setembro de 1811, isto é, 19 annos antes do fallecimento do compositor.

Assim mesmo, o catalogo traz 196 peças, além de psalmos avulsos e mottetos, todas ellas no genero sacro.

Apezar do incontestavel valor, esta noticia de Porto Alegre tem os defeitos que se notam na maior parte dos trabalhos de procedencia moderna, que enchem os muitos volumes da *Revista do Instituto,* isto é, empolamento de frase, tom facticio dominante, um *brasileirismo* infantil, bastante falta de *sensorium* e demasiada facilidade nas asseverações historicas.

Com tal não queremos dizer que para nós e para os estudiosos não tenha essa collecção a maior importancia. Antes do mais, contém ella documentos, memorias e roteiros de antiga data e do mais alto interesse, justamente por terem sido escriptos com a maxima singeleza e sem as pretenções alambicadas e gongoricas, que o mau gosto nos impõe em certos periodos de decadencia literaria.

Tudo quanto, nos 58 volumes até agora publicados da *Revista,* provém de origem portugueza e das épocas coloniaes é bom, por vezes excellente e do mais elevado alcance. O que nos legaram os fundadores do Instituto ainda vale bastante, notadamente os trabalhos do General Cunha Mattos, e merece aturada leitura. Quando, porém, chegamos a tempos mais proximos de nós, é preciso deveras paciencia para respigar-se algum trigo no muito joio accumulado.

Abundam biographias, elogios, estudos historicos e philosophicos, monographias, etc., com apparato não raro deploravel e que nos trazem fundas saudades das despretenciosas exposições de Ricardo Serra, Dr.

Lacerda, Alincourt e tantos outros, cujas pisadas tão bem soube seguir o venerando Leverger (barão de Melgaço), com a superioridade, este, que lhe dava a maior cultura scientifica.

Não deixa de ter alguma gravidade similhante asserção; mas não faltam provas.

Por exemplo, nesse volume XIX que temos á mão, e que talvez não seja ainda o mais digno de reparo nesse ponto, é abrir-se ao acaso, e formigam os exemplos de insupportavel pompa e da ausencia quasi absoluta de critica.

Assim Porto Alegre, se não poupa, e ahi com razão, elogios a José Mauricio a quem declara logo *imcomparavel na arte de Gui d'Arezzo*, mais adiante tambem acha Valentim da Fonseca e Silva merecedor de iguaes gabos e, cita, entre as obras desse *homem extraordinario para o Brasil do seu tempo e para o nosso*, o grande, pesadão, quasi grotesco, chafariz do largo do Paço, hoje Praça 15 de novembro, que, ha muito, já devera ter sido derrubado pela progressão do gosto artistico de nossa capital e destruido com vantagem até para a memoria de quem o ideou e construiu.

Mais além, outro escriptor da *Revista*, referindo-se ao Rio de Janeiro, só a trata de bella Guanabara, denominando-a *rainha da America do Sul*, o que, no fim de pouco tempo, se torna positivamente inaturavel.

Algumas paginas adiante, uma *Memoria* sobre as primeiras capitanias do Brasil começa com toda a emphase e do seguinte modo:

«*Homero* (nota n. 1) *situando os Elysios para além das trevas cimmerias* (nota n. 2) *revelando-nos a existencia de um grande continente; Evhemero* (nota n. 3) *falando-nos da sua Pauchéa*, etc. — e neste gosto um ror de paginas.

V

Parentheses. O gongorismo insupportavel de muitas memorias e artigos da Revista do Instituto Historico brasileiro, detestavel orthographia. Trabalhos desvaliosos e desprestigiadores da Revista.

Se Porto Alegre, na patriotica exuberancia dos arrebatamentos, se extasia ante o chafariz tão massudo e desgracioso de Valentim da Fonseca e Silva, outros escriptores da *Revista* por tal modo exaltam aquelle artista, que não duvidam qualifical-o até de *Murillo brasileiro* (1).

Fôra, de certo, um nunca acabar querermos, pela transcripção de trechos inteiros ou periodos retumbantes, dar idéa da feitura alambicada e do estylo barôco (2), que muitos dos socios modernos do Instituto empregaram e ainda empregam em seus trabalhos, embora nelles se revelem, de envolta, não pequenos esforços e real dedicação ao estudo e á elucidação de muitos pontos mal conhecidos dos nossos annaes patrios.

Faltam-nos, porém, qualificativos bastante energicos para aqui profligarmos a orthographia — no seu

---

(1) Tomo XXXIV, pag. 132.

(2) Por exemplo: *Corramos os dedos pelo teclado da historia* ou então: « *Quem não adivinha que a mão do Omnipotente escreveu na base do Pão de Assucar — Tu és a planta de um gigante?* » etc., etc.

sentido lato — mais caprichosa, do que mesmo sujeita ás simples regras sonicas, que singulariza e afeia muitos e muitos volumes da *Revista do Instituto Historico*.

Nem sequer foram poupados os manuscriptos velhos e originaes, resultando d'ahi a mais deploravel confusão acerca do modo de escrever, de pontuar e até de assignar, que os respectivos autores e chronistas empregaram.

Nada se concebe menos scientifico, nem mais deturpador da tradição e da historia. Quando nas collecções estrangeiras se conservam com o mais meticuloso rigorismo todas as peculiaridades no modo graphico dos documentos dados á impressão, a nossa principal *Revista* tomou o empenho altamente estranhavel e credor das maiores censuras de tudo uniformisar por uma pauta absurda e de caracter méramente pessoal.

A'quelle numeroso repositorio, que no balanço das nossas fontes documentarias e de consulta tem o maximo valor, prestar-se-ia, pois, assignalado serviço, mandando-se reimprimir todos esses volumes, restabelecendo-se nelles orthographia despretenciosa e mixta, isto é, entre a consagrada pelo uso commum e a etymologica, muito embora a despeza dessa reproducção suba não pouco e agora obrigue a trabalhos retrospectivos bastante penosos.

Sabemos, aliás, que esse modo uniforme e abstruso de revisão das provas, por vezes, suscitou taes protestos e resistencias por parte dos membros do Instituto, que já se attenuou, em parte, a applicação de tão vicioso systema cacographico.

VI

Fontes para o estudo da biographia de José Mauricio. Erros de Joaquim de Vasconcellos e Balbi. Injustiças para com D. João VI. Palavras de André Rebouças. Conceitos de D. Pedro II.

Para o perfunctorio estudo que encetámos buscaremos informações nos quatro mais abundantes mananciaes que, até á presente data, temos sobre o padre José Mauricio.

1.º O *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Innocencio da Silva, muito defficiente nesse ponto;

2.º O livro do Sr. Joaquim de Vasconcellos *Os musicos portuguezes* (Porto, 1870);

3.º A *Iconographia Brasileira* de Manoel de Araujo Porto Alegre, de todos, sem contestação, mais importante e copioso;

4.º Padre *José Mauricio Nunes Garcia* pelo Dr. Moreira de Azevedo — *Revista do Instituto*, Tomo XXXIV, 2.ª parte, de pag. 293 a 304.

Servir-nos-á tambem de auxiliar a obra de Balbi *Ensaio estatistico*, do qual tirou o Sr. Vasconcellos algumas indicações, que aproveitou mal e erradamente.

Com effeito, sem ir mais longe, tratando aquelle autor do adiantamento moral e material de Portugal

e suas colonias até ao anno de 1822 (1) incluiu, como devia incluir, o nome do padre José Mauricio e outros filhos do Brasil, distinctos naquella época, entre as notabilidades portuguezas que mais honravam o paiz.

O Sr. Joaquim de Vasconcellos, porém, nas consultas que fez ao livro, não attendeu para a data em que fôra impresso e conservou a qualidade de portuguez a um musico nascido, é certo, debaixo do dominio colonial, mas cuja nacionalidade ficou, pela emancipação da sua terra de nascimento, educação e ininterrompida residencia, naquelle mesmo anno de 1822, perfeitamente assentada e fóra de questão.

Este equivoco, aliás, não tem o alcance de outro em que labora o mesmo Sr. Vasconcellos, quando com insistencia affirma uma particularidade senão totalmente erronea, pelo menos muito contestavel. Referimo-nos ao *Conservatorio dos negros do Rio de Janeiro*, de que nos fala por vezes no correr do seu extenso e curioso trabalho e do qual fez sair o padre José Mauricio, apontando-o como um dos discipulos mais notaveis daquella util instituição fundada e regida pelos jesuitas.

Em parte alguma achámos confirmação da existencia de similhante estabelecimento de educação musical.

Não ha duvida, que entrava no systema geral de instrucção iniciado pelos padres da Companhia, a bem sobretudo da catechese, o cultivo da musica, cuja acção particular sobre a imaginação humana e os costumes conheciam e aproveitavam.

Diz-se, que o Paraguay foi conquistado ao som de flautas, rabecas e fagótes. Em toda a parte em que

(1) Essai statistique sur le royaume de Portugal et Algarves comparé aux autres états de l'Europe et suivi d'un coup d'œil sur l'etat actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les portugais des deux hémisphères — 2 vols., — 1822.

estabeleceram collegios cuidavam principalmente desse poderoso meio de suavisar a indole e os instinctos dos seus educandos. No Brasil um padre chamado Aspilcueta ganhou renome pelo modo porque se servia da musica na sua tarefa de missionario e nos seus trabalhos de catechese e ensino.

Assim pois na fazenda de Santa Cruz, que era um grande centro de producção agricola, verdadeira feitoria, é natural e mais que isto, é certo e positivo, que muitos negros e mulatos escravos aprendiam a arte musical com bastante desenvolvimento, a ponto de constituirem bandas marciaes e orchestras dignas de applausos dos entendidos; mas d'ahi á organização completa e systematica de uma instituição regular ha grande differença.

Foi em Balbi, que o Sr. Vasconcellos colheu aquella noção. Entretanto o mesmo Balbi estava no caso de melhor inspirar a quem o consultava.

Diz, com effeito, á pag. 108 do volume 2.º do seu *Ensaio:*

«*Nous croirions n'avoir atteint qu'imparfaitement notre but, si nous ne disions ici en passant un mot sur une espèce de conservatoire de musique et qui est destiné uniquement à former des nègres dans la musique. Cette institution est due aux Jésuites, ainsi que toutes celles établies au Brésil avant l'arrivée du roi, qui se rattachent à la civilisation et à l'instruction du peuple.*»

Vê-se bem que Balbi se refere a uma *especie* de conservatorio, talvez uma simples aula estabelecida sob as vistas dos padres em Santa Cruz e não no Rio de Janeiro, onde havia outras frequentadas com regularidade, mas totalmente fóra da alçada clerical.

Não é só na breve biographia de José Mauricio, que o Sr. Vasconcellos se preoccupa com esse *Conservatorio dos negros do Rio de Janeiro;* no valioso estudo que consagra a Marcos Portugal ainda volta a

essa preoccupação e então aggrava o equivoco com erros bem reparaveis em quem costuma escrever com cautela e criterio.

Conta-nos, de facto, que, ao chegar D. João VI ao Brasil «o conservatorio estava na capital em plena actividade debaixo da direcção dos Jesuitas, senhores absolutos *daquellas terras* (1)».

Acrescenta:

«D. João VI, para apresentar uma idéa nova, lembrou-se de reformar o conservatorio africano e estabeleceu no seu palacio (*maison de plaisance*) uma escola de composição musical, de canto e varios instrumentos, subtraindo assim o antigo estabelecimento á tutella dos jesuitas».

Ora, jesuitas no Brasil em 1808? E ainda mais senhores absolutos daquellas terras? Onde ficavam as leis do terrivel marquez de Pombal, que os haviam inexoravelmente expulsado de Portugal e suas dependencias? Onde a celebre Carta regia de 19 de janeiro de 1759 e a Ordenança de 3 de setembro do mesmo anno?

Foi ainda Balbi culpado desses enganos, que poderiam ter sido dispensados com leitura mais attenta do que elle quiz dizer.

Eis as suas palavras:

«*Cet ordre puissant qui était le plus riche propriétaire de cette vaste contrée possédait une plantation de près de 20 lieues, nommée Santa Cruz. A' l'époque de la suppression des jésuites, cette propriété fut réunie, avec les autres biens immeubles, aux domaines de la couronne.*»

Está claro que Balbi trata do que possuiam os jesuitas antes de 1759, o que bem se evidencia no seguimento da citação.

A censura feita ao Rei é de todo o ponto impro-

(1) Vol. II, pag. 61.

cedente e injusta. D. João VI não desorganizou coisa alguma; pelo contrario, soube aproveitar elementos dispersos e buscou continuar tradições de ensino, que, em tempo proprio, produzira bons frutos.

«*Les nègres des deux sexes*, diz ainda Balbi, *s'étaient perfectionnés dans la musique instrumentale et vocale, d'apès la méthode introduite par les anciens propriétaires de ce domaine et qui heureusement s'y était conservée. Sa Majestée, qui aime beaucoup la musique, voulant tirer parti de cette circonstance établit des écoles de primières lettres, de composition musicale, de chant et de plusieurs instruments dans sa maison de plaisance etc.*»

Por *maison de plaisance* não póde ser entendida a Quinta de S. Christovão que era e foi até 1889 a morada permanente dos monarchas no Brasil, porém sim o palacete ou casa de recreio da fazenda de Santa Cruz.

Nos mappas finaes da sua obra, em que o Sr. Vasconcellos resume os periodos musicaes de Portugal, em frase ainda mais aspera, joga elle sobre D. João VI a responsabilidade da desastrada modificação desse *conservatorio africano* na seguinte referencia.

«*Idiotice* do rei; as sua idéas *reformadoras* no Conservatorio do Rio de Janeiro».

Sempre esse vezo, essa insistencia em atirar sobre aquelle soberano, cuja historia imparcial ainda não foi escripta, a chacota e o descredito.

Que Portugal tenha delle razões de queixa, vá lá: mas o Brasil não póde, sem ingratidão nem injustiça, acquiescer de boa mente a essa propaganda de desconsideração e menospreço.

D. João VI teve, não ha negar, alguns lados que se prestavam ao ridiculo e serios defeitos oriundos da sua educação deficientissima e do meio em que viveu; mas quem conhece seriamente a historia do Brasil delle forma opinião e conceito muito differentes dos

que geralmente circulam entre levianos motejadores e futeis ignorantes.

Foi, antes do mais, o maior, mais espontaneo e desinteressado bemfeitor desta terra. Pode-se affirmar, que a nossa independencia tem a sua origem nesta eloquente frase do *Manifesto ás nações estrangeiras* datado de 1 de Maio de 1808 — «*qu'il élevait la voix du sein du nouvel Empire, qu'il était venu créer*».

Pertence-lhe, pois, a concepção do Brasil Imperio, e a elevação á categoria de Reino Unido, por decreto de 16 de dezembro de 1815, é a realização da primeira parte desse grandioso programma que elle completou, reconhecendo o Brasil imperio independente em 1825.

Logo ao chegar á Bahia, D. João VI, inspirado pelo sabio José da Silva Lisboa, depois visconde de Cayrú, abriu, por decreto de 28 de janeiro de 1808, os principaes portos do Brasil ás nações amigas, terminando assim o atroz monopolio colonial.

Os beneficios produzidos por tão liberal e ampla resolução foram incalculaveis. Antes, eram todos os generos europeus importados por via de Lisboa, e as guerras napoleonicas no principio do seculo tornavam em extremo difficeis as diminutas relações entre Portugal e Brasil em navios de véla.

A penuria era tal, que só nas capitaes maritimas é que se usava de pão de trigo. Os objectos de metal custavam preços exorbitantes, e o proprio ferro era carissimo, apontando-se como um palacio qualquer casa de sobrado com modesto gradil de ferro fundido.

Cumpre tambem lembrar, que a tarifa das alfandegas decretada por D. João VI é talvez a mais liberal que ha tido o Brasil.

Os preambulos dos decretos de abertura dos portos e dos que se lhe seguiram, dando aos brasileiros liberdade de trabalho, liberdade de industria e de commercio e abolindo todas as iniquas e oppressoras excepções do regimen colonial são dignos de Tur-

got pelos alevantados principios de justiça, equidade e philanthropia, em que se firmam.

Preparando D. João VI o Brasil para imperio doou-o com imprensa, tribunaes, escolas de medicina, engenharia, marinha, bellas artes, musica sacra, opera italiana até o *Moysés* de Rossini.

Para nós, fundadores da *Sociedade Central de Immigração* que tanto batalhámos pelas grandes leis sociaes, que haviamos de conquistar por ardente e incessante propaganda em vez de serem impostas ao paiz pela violencia e pelas armas, D. João VI tem a immorredoura gloria de haver, em 1820, fundado a colonia de Nova Friburgo no auspicioso e fecundo regimen do immigrante-proprietario — base unica da estupenda e tão admirada opulencia, força e grandeza dos Estados Unidos da America do Norte.

Incontestavelmente tinha esse monarcha a mais elevada intuição e generosissimos impulsos.

A respeito de tão mal apreciada personalidade historica, conversando eu por carta com o meu querido e eminente amigo André Rebouças, terminou elle esse apanhado, que acima reproduzimos quasi textualmente, com umas palavras gratissimas ao meu coração.

Duvidei em lhes dar publicidade; mas, vencendo quaesquer razões de retraimento, aqui as deixo tambem transcriptas como homenagem aos meus avós, tios e amado progenitor.

«Para crear a Academia das Bellas Artes, disse o pundonoroso e coherente exilado voluntario do Funchal, D. João VI mandou vir uma pleiade dos mais illustres artistas de Pariz. A' frente delles brilhava Nicoláo Antonio Taunay, membro do Instituto de França, rodeado da varonil e esperançosa familia [1].

---

(1) Compunha-se de cinco filhos, e todos, no correr da existencia, alcançaram nome, Carlos Augusto, mais velho, Hippolyto, Felix Emilio meu pai, Theodoro Maria e Amado Adriano. Esses tres falleceram no Brasil; os dois primeiros em França.

«Quantos beneficios só em dotar o Brasil com os Taunay!

«Quem poderia dizel-o de modo completo fôra unicamente o magnanimo imperador D. Pedro II, extremoso discipulo do pai de Você, barão de Taunay, de quem sempre falava, nas horas de melancolicas recordações, com tamanho estremecimento, e tão funda admiração».

Meu pai! Que longa vida de trabalhos! Quanta idéa nobre e fecunda por elle agitada no correr da espaçada existencia! Quanta aspiração mallograda, tudo com um desinteresse enorme, uma dedicação sem par, um ardor de verdadeiro artista até aos ultimos dias, só com os olhos postos no bem de outrem, no amor da humanidade e na confraternidade geral!

Chegado ao Brasil a 26 de março de 1816 em companhia do illustre pai Nicoláo Antonio, o tio e quatro irmãos, tinha então 21 annos, nascido em Montmorency, perto de Pariz, a 1 de março de 1795 e do Brasil nunca mais saiu, fallecendo no Rio de Janeiro a 10 de abril de 1881.

Professor de pintura historica e paizagem na Academia de Bellas Artes, viu-se, em 1825, eleito unanimemente pela congregação director daquella nascente e promissora escola e mereceu ser conservado pelo governo nesse cargo até 1851, quando pediu jubilação por não julgar da sua dignidade aceitar a naturalização de cidadão brasileiro com as restricções que as leis de então estatuiam.

Mestre do Sr. D. Pedro II de desenho, grego e litteratura, poeta, traductor das odes de Pindaro e das sa-

---

Além da colonia de artistas, D. João VI mandou contractar mestres de officinas de marcenaria, cortume, serralharia, carpintaria e fundição, industriaes, que todos deixaram familia no Brasil — João Baptista Level, Braconnot, Francisco Ovide, Nicoláu Enout, Pilite, Fabre, Luiz José Roy e seu filho Hippolyto, Salingre, etc. — Vide *Estrangeiros illustres e prestimosos no Brasil*. (1896).

tiras de Persio foi incansavel propugnador da grande naturalização, já em 1822, e das mais indispensaveis medidas hygienicas e estheticas do Rio de Janeiro — prolongamento da rua larga de S. Joaquim até ao mar, abertura da rua D. Leopoldina e da avenida da Quinta da Boa-Vista (S. Christovão) ao Aterrado, esgotamento dos pantanos e canalização das aguas, arborização systematica da cidade, alargamento successivo, pelo recúo das casas, e rectificação das ruas, cujos cantos deviam ser cortados, supprimindo-se as esquinas, formação de *squares*, construcção de cáes e erecção de palacios — o que tudo consta de muitas memorias e projectos impressos e manuscriptos; um dos bemfeitores da Tijuca, onde traçou a estrada nova da Cascatinha para a Floresta Nacional e construiu, em 1862 com o seu amigo architecto Job Justino de Alcantara, a ponte monumental sobre o rio Maracanã.

Em 1865, viajando eu para Mato-Grosso, ou antes já em Mato-Grosso, no districto de Miranda, escrevia-me elle com bastante amargura: «Quarenta annos, meu filho, de dedicação por este Brasil sem um só dia de intervallo! Na esphera formada pelas circumstancias em torno de mim fiz e tenho feito quanto pude. O que me consola é a religião do Bello, a adoração de Deus e a glorificação da intelligencia humana pelas artes, as letras, as sciencias, a admiração dos grandes rasgos da virtude e das obras primas de creação divina, culto de que tornei participante o Imperador.

Pelo menos não tirarão esta gloria a um estrangeiro!... Parece destino, em uma vida já longa como a minha, ser tido como um ente que nunca existiu, nada fez nem tinha elementos para ser util em nenhum ramo de actividade! E, entretanto, só Deus sabe quanto me dóe a minima injustiça feita a qualquer creatura. Por isto é que me punge o desgosto de ver tanto trabalho meu perdido, tanta idéa conveniente

e grandiosa posta de lado e repellida até com ar de mofa e pouco caso».

Meu pai viveu mais 15 annos depois de escripta essa carta, pois falleceu como dissemos, em 1881, tendo de idade mais de 86 annos. Foram suas ultimas palavras «*Adieu, belle nature du Brésil!*»

Compuzera para si o seguinte epitaphio, que está gravado na lapide do seu tumulo em S. João Baptista (Berquó):

> «*Philologue, à demi-poète*
> *Spectateur éternel du Beau,*
> *Je perdis mon temps á sa quête...*
> *Un doux regard sur mon tombeau!*»

Na galeria da Escola das Bellas Artes existem 5 importantes telas de meu pai, propriedade hoje do Estado, *Morte de Turenne,* excellente quadro de grande sobriedade de linhas e optimo colorido; parece do pincel de Wouvermans. — *Derrubada das matas,* composição magistral, em que infelizmente as tintas têm soffrido modificação na sua tonalidade. — *Retrato de D. Pedro II aos cinco annos,* muito notavel, de todo e qualquer ponto de vista que se o considere, luz, fundo, parecença, delicadeza de toque, accessorios, etc. — *Caçador e a onça* e *Descobrimento das caldas,* em Minas Geraes.

Em 1891, conversando o Imperador em Cannes com varias pessoas a respeito dos mestres que tivera e insistindo alguem acerca da influencia decisiva que na sua educação exercêra o bispo de Chrysopolis, atalhou o inclyto exilado: — Sim, era bom mathematico; mas tudo devo ao velho Taunay. Em carta que

me dirigiu o Sr. Dr. Pires Brandão. «Tomei nota, escreveu-me elle, dessas palavras, pouco depois de havel-as ouvido proferir por Sua Magestade». Versado em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, foi o verdadeiro mestre do meu espirito».

VII

Nascimento de José Mauricio. Seus paes. Dedicação de sua Mãe e de uma tia. Precocidade da vocação musical. A aula de Salvador José. O conservatorio musical de Santa Cruz. Estudos de harmonia e contraponto.

No dia 22 de setembro de 1767, na hoje Capital Federal, outr'ora muito leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, nasceu o nosso illustre compatriota numa casa, segundo nos informa o Sr. Dr. Moreira de Azevedo (1) da rua da Valla, actualmente Uruguayana. Trouxe, como diz o povo, o nome do santo, 22 de setembro consagrado a S. Mauricio.

Por sentença de habilitação *de genere* passada em favor de José Mauricio a 27 de junho de 1791 pelo padre Manoel dos Santos e Souza, secretario da Camara episcopal e assignada pelo Dr. Francisco Gomes Villas Boas, deão da Sé, vigario geral e provisor do bispado, vê-se que elle fôra baptisado na antiga Sé ou Cathedral, agora igreja do Rosario, e que seu pai Apollinario Nunes Garcia era natural da ilha do Governador, freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, e sua mãi Victoria Maria do Carmo baptisada na capella de S. Gonçalo do Monte, filial da matriz de Nossa

(2) *Revista do Instituto Historico*, Tomo XXXIV, pag. 233.

Senhora do Rosario, freguezia da Carvoeira, bispado de Mariana (Minas Geraes).

Pelo lado paterno descendia de uma familia estabelecida em Irajá, pelo materno, de uma crioula de Guiné, costa d'Africa (1). O enlace foi feito de accôrdo com as leis da igreja, facto digno de nota naquella época entre pessoas de côr e de condição humillima.

Engana-se, pois, o Dr. Moreira de Azevedo, quando affirma que os progenitores eram ambos naturaes da então capitania de Minas Geraes, induzido, aliás, em erro pela noticia necrologica que o *Diario Fluminense* publicou a 7 de maio de 1830 (2) e devida á penna do conego Januario da Cunha Barbosa — mais uma fonte de consulta a que recorreremos, embora nella á farta tenham colhido Porto Alegre e Moreira de Azevedo.

Com a tenra idade de 6 annos, perdeu José Mauricio, em 1773 o pai.

Tornaram-se, pois, necessarias toda a coragem e dedicação por parte da extremosa mãi, pobre filha de escrava, ajudada pela mais fiel das irmans, para que o infausto successo não impedisse o andamento regular da educação do orphãozinho.

Foram estas duas valentes mulheres que, por meio do seu trabalho diario, talvez a lavar e a engommar para fóra, se empenharam em mandar ensinar-lhe a ler e a escrever além das quatro operações arithmeticas e não pequenos esforços empregaram para que fosse crescendo em certa roda de meninos mais ou menos morigerados, não em malta de vagabundinhos, e pudesse assim pelas suas aptidões, de prompto reveladas, recommendar-se ao interesse e á attenção dos mestres e das pessoas generosas.

Dotado de voz muito afinada, começou, com ef-

(1) Não sabemos de onde Porto Alegre tirou tão especificada informação.
(2) Tomo I.

feito, a manifestar tão grande vocação pela musica, que, sem ter dessa arte os mais simples rudimentos, tocava de ouvido viola de cordas metallicas e violão, a ponto de a todos causar admiração. Contam que, do mesmo modo e desde os mais verdes annos, improvizava no cravo e no piano.

Como, porém, naquella época, de 1779 a 1790, taes instrumentos deviam ser muito raros no Rio de Janeiro, d'onde nunca saíu José Mauricio, não é provavel que, desprovido de meios e naturalmente timido para frequentar casas que os possuissem, tivesse ensejo de nelles patentear o seu talento nativo de improvizador senão bastante tempo depois, quando a sua reputação de musico lhe proporcionou occasião de tel-os mais a mão.

Nos fins do seculo passado e principalmente numa colonia como o Brasil, alvo da cobiça estrangeira, que muito fez para ceval-a em qualquer ponto da sua vasta extensão, e por isto mesmo segregados do mundo inteiro pelo melindroso zelo da metropole, qualquer educação caminhava com extrema lentidão e a esbarrar com innumeros tropeços, superados tão sómente pela muita ambição de saber e irresistivel inclinação.

Com tal imperio actuaram estas duas forças em José Mauricio que, afinal, pôde elle matricular-se na aula de musica dirigida por um pardo chamado Salvador José, onde em pouco tempo os mais surprehendentes progressos o collocaram muito adiante dos discipulos que tambem ouviam as lições daquelle mestre.

Incontestavel e muitas vezes comprovada é a vocação peculiar aos homens de côr preta e principalmente mestiços para as artes liberaes. Ha, entretanto, exageração e não pequena no que geralmente se assevera e importante resalva a fazer-se — aprendem com effeito depressa, suscitam grandes esperanças aos professores, parecem dever percorrer brilhante e rapida carreira, mas, chegados a certo ponto, param, estacam e retrogradam por modo sensivel, de maneira que existencias que promettiam scintillantes fulgores se atufam, as mais das vezes, na obscuridade e no esquecimento.

Raros, rarissimos preenchem, como José Mauricio, os destinos que se afiguravam seguros aos admiradores das primeiras manifestações artisticas.

E o que dizemos em relação á musica, applica-se tambem á pintura. Muitas vezes ouvi meu pai, professor da Academia das Bellas Artes e seu director até 1851, falar nas decepções que experimentara em relação a rapazes, cujos ensaios iniciaes haviam provocado grande interesse. «*Encore un*, costumava elle dizer, *qui a trompé l'attente de tout le monde!*» Quantos, com effeito, mal ultrapassaram as raias da vulgar mediocridade, embora apregoados pelo clamor de enthusiasmo meramente nativista!

Já foi, aliás, confirmada pelos estudos de ethnologia comparada a observação que acabámos de fazer. Com rarissimas excepções, a educação simultanea e em tudo identica de duas crianças intelligentes, vivas, bem dispostas physica e moralmente, uma, porém, branca, outra preta ou mestiça demonstra, a principio, maior rapidez de progresso por parte desta, depois certa parada nos tempos da puberdade, e passada esta muito maior adiantamento da outra, que afinal se distancia longe e definitivamente.

Já fizemos anteriormente sentir quanto os padres jesuitas na fazenda de Santa Cruz souberam aproveitar as disposições nativas dos crioulinhos de ambos os sexos. Tambem os resultados ali conseguidos foram muito notaveis, tanto assim que os chronistas do tempo nos falam com verdadeiro enthusiasmo dos cantores e instrumentistas pretos e mulatos ensinados conforme as tradições da Companhia, embora

acostumados a applaudir grandes artistas europeus. Diz, com effeito, Balbi no seu *Essai statistique:*

«Quando o rei chegou ao Rio de Janeiro, ficaram elle e toda a côrte admirados, a primeira vez que ouviram missa na igreja de Santo Ignacio de Loyola em Santa Cruz, da perfeição com que era executada a musica vocal e instrumental por negros de ambos os sexos, que nessa arte se haviam aperfeiçoado consoante o methodo introduzido pelos antigos proprietarios daquella fazenda e que felizmente se conservava.

Sua Magestade, que gosta muito de musica, querendo aproveitar esta circumstancia, fundou escolas de primeiras letras, de composição musical, de canto e de varios instrumentos em sua casa de campo e conseguiu em pouco tempo formar entre os seus negros tocadores e cantores habilissimos.

Os dois irmãos Marcos [1] e Simão Portugal expressamente compuzeram peças para estes novos discipulos de Terpsychore, que as executaram na perfeição; muitos foram admittidos entre os musicos das capellas reaes de Santa Cruz e de S. Christovão. Alguns mesmos chegaram a tocar e cantar de modo verdadeiramente admiravel.

«Sentimos não poder dar os nomes do primeiro violino, do primeiro fagote e do primeiro clarinete de S. Christovão e de duas negras que se distinguem entre as suas companheiras pela belleza de suas vozes e pela arte e a expressão que revelam no canto.

«Os dois irmãos Marcos e os melhores conhecedores do Rio de Janeiro os têm em muito apreço. Sua Magestade assistiu muitas vezes a cerimonias religiosas em que toda a musica foi executada por seus escravos musicos.

(1) Marcos Portugal era compositor. O irmão Simão distinguia-se como mestre de musica simplesmente, muito bem aceito entre as damas da côrte conforme já vimos.

Sua Alteza Real o Principe do Brasil (posteriormente imperador D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal) que possue extraordinario talento musical, que compõe com tanto gosto quanta facilidade e que toca varios instrumentos, entre outros fagote, trombone, flauta e violino, muito contribuiu para aperfeiçoar este estabelecimento unico no seu genero, pela animação que dá a estes negros e pelos favores que lhe prodigaliza.

«Não ha muito, encarregou os irmãos Portugal de compor operas [1] que foram inteiramente executadas por estes africanos [2], com applauso de todos os conhecedores que as ouviram.»

E note-se que á chegada do rei em 1808, já havia decorrido meio seculo menos um anno, que os jesuitas tinham sido impellidos a abandonar suas propriedades no Brasil e todas as terras do dominio portuguez, ficando ou perdidos ou desorganizados os serviços escolares que haviam instituido, imprimindo-lhes o cunho de tanta sagacidade e conhecimento das coisas. A semente, porém, fôra aqui lançada em terreno fertil.

Se José Mauricio não era producto directo moral do tal *Conservatorio dos negros*, de que faz tamanho cabedal o autor dos *Musicos portuguezes*, recebeu, comtudo, o influxo das lições dos padres jesuitas no gosto geral da população do Rio de Janeiro pelas artes liberaes. Esse pardo Salvador José era um dos continuadores das boas tradições por elles deixadas.

Outro musico, entretanto, havia aqui nesse tempo de bem mais ampla esphera que poderia ter guiado o nosso José Mauricio em seus primeiros ensaios, o padre Manoel da Silva Rosa, natural do Rio de

(1) Se houve tal encommenda de operas, não consta, que fosse aviada. Ahi ha exageração. Tratava-se tão sómente de trechos religiosos.

(2) Não deviam ser filhos da Africa, negros da Costa, como se dizia, porém sim descendentes delles.

Janeiro e nesta cidade fallecido a 15 de maio de 1793. Estudou comsigo a fundo harmonia e contraponto e, além de outras composições notaveis, deixou uma missa da Paixão de Christo que se tornou celebre e era ainda executada na capella imperial e em S. Francisco de Paula, nos tempos da minha meninice, pelos annos de 1852 a 1854.

Esse padre, porém, teve existencia muito retirada e obscura, como que famulo do bispo Frei Antonio do Desterro, sempre mettido comsigo e inimigo de exhibir-se, todo entregue, no retraimento em que vivia, ao seu querido orgão, que chegou a tocar por modo admiravel e não mais alcançado por musico algum no Rio de Janeiro.

Não achei em parte nenhuma especificado se Manoel da Silva Rosa era branco ou homem de côr.

VIII

Progressos notaveis de José Mauricio. Enceta a carreira professoral. Sua grande gratidão. Faz os cursos de latim e philosophia com grande destaque. Resolve abraçar o sacerdocio. Generosidade de um amigo. Ordena-se José Mauricio em 1792.

Além de tudo quanto pela educação primaria de José Mauricio a muito custo fez a carinhosa mãi, cujos sacrificios e dedicação, na humillima esphera em que vivia, temos o dever hoje de deixar bem salientes, a essa corajosa mulher deve o Brasil inteiro o mais importante e valioso serviço. Conhecendo, desde logo perspicuamente e admirando a disposição natural do estremecido filho pela musica, afagou com orgulho aquella vocação, que devia tornal-o tão grande, e não descançou emquanto o não matriculou na aula do professor Salvador José, ignoramos se gratuitamente, se por modica retribuição (1).

---

(1) Parece que o preço para os alumnos pagantes era de dois *cobres* por mez — menos de quatro vintens ou 80 réis na moeda actual. Tambem se dizia dois *patacos*. Começou o pataco valendo 10 réis e soffreu oscillações abaixo e acima daquella estimativa. No tempo de D. João VI cunharam-se dessas moedas em bronze que valiam 40 réis. Em meiados do seculo passado devia o *pataco* estar entre 30 e 40 réis. A *pataca*, moedinha de prata, era no Brasil orçada em 320 réis.

Na excellente monographia historica do Dr. Marques Pinheiro, por elle modestamente denominada *Relatorio sobre a irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria e suas repartições, côro, caridade e hospital dos Lazaros* (2 vols. — 1894 e 1895)

Nessa aula, foram os progressos do menino tão rapidos e de tal ordem, que não só angariou a amizade do mestre, como novos horizontes se lhe abriram possiveis ao espirito vivaz e ancioso de saber.

E' provavel que, já naquelle tempo, 1783 e 1784, a arte, em que tanto se ia distinguindo, o ajudasse, embora escassamente, senão a viver sobre si, pelo menos a concorrer para as despezas da casa materna, pois se teve boa mãi, foi sempre excellente filho. Affirma o conego Januario da Cunha Barbosa, no breve elogio necrologico de 1830 (*Diario Fluminense* de 7 de maio), que o seu primeiro e mais ardente empenho fôra mostrar efficaz gratidão ás duas pessoas, que por elle tanto haviam feito, mãi e tia.

Apezar da pouca idade, começou a ganhar algum dinheiro, tocando instrumentos de varias qualidades, já de corda, já de sopro, em bandas de musica e orchestras das festas de igreja ou então a cantar, com a sua voz afinadissima, ao violão ou machete chulas e modinhas, que se chamavam soláos, *seguidilhas e xacaras* (1), por casas particulares em noites de reunião, como ainda acontece hoje nas

---

encontram-se, bem documentados, alguns dados sobre preços vigentes no Rio de Janeiro em meiados e fins do seculo passado. Um frango custava 80 réis, uma gallinha 160, a arroba de carne secca 1$760, o sacco de arroz ou de feijão 1$700, um queijo de Minas 160 réis, etc. (Vol. II, pag. 161). Os predios ns. 24, 25, 26 e 27 da rua do Ouvidor davam de aluguel 2$400 mensaes; em outras ruas menos. O mais caro era de 10$000 á rua da Lapa (continuação hoje da do Ouvidor, para lá da de 1.º de março. (Vol. II, pag. 18).

Os capellães que ensinavam latim e musica a meninos de *sangue limpo* (e isto faz-nos crêr que Salvador José, que abrira aula particular desta ultima materia era mulato) ganhavam 2$000 mensalmente.

A retribuição annual do organista não passava de 30$000.

Todos estes parcos honorarios, mantinham, aliás, relação com a barateza da vida. Se não laboro em equivoco, o vice-rei do Brasil percebia 6:000$ por anno. O governador e capitão-general de Matto-Grosso, nos principios deste seculo, recebia 4:800$000, (*Revista* do I. H. G. B. Tomo XX pags.).

(1) No Brasil tomou este termo singular ampliação e modificou-se, servindo para denominar quinta, sitio, lugares de recreio nas cercanias das cidades, etc., naturalmente porque ahi eram mais frequentes taes divertimentos e descantes. Em Portugal o vocabulo conservou a primitiva significação.

nossas cidades do interior, com os artistas de mais nomeada na localidade (1).

Poude afinal José Mauricio matricular-se e frequentar com assiduidade a aula publica de latim dirigida pelo professor regio Elias e nella se conservou tres annos seguidos, patenteando tambem ahi tão grande applicação e tal aproveitamento que, no fim daquelle tempo, o mestre o declarou prompto na difficil disciplina e no caso até de ensinal-a aos condiscipulos. Quanto caminho andado desde o dia em que a desprotegida mãi fôra levar o triste meninozinho, mulato quasi negro, á primeira lição de Salvador José!

Uma vez de posse do latim, base da educação daquelles tempos e que lhe desvendava as innumeras e nunca assás admiradas preciosidades e riquezas da antiguidade, e tendo já por duas vezes attraido as vistas e sympathias de pessoas de relativa importancia social, devia José Mauricio considerar-se salvo dos maiores obstaculos que podiam oppôr-se á expansão das suas bellas faculdades nativas.

Fôra, com effeito, difficuldade bem séria transpor essas primeiras e elevadas muralhas erguidas em torno de si, em época de tanto obscurantismo e numa colonia portugueza mantida em ferrenho e proposital atrazo, pelos preconceitos de côr e pelas dolorosas condições de pobreza em que ficara desde os mais tenros annos.

Na vida de homens como este, ha periodos que

---

(1) Não ha muitos annos, assisti a uma dessas especies de *consoadas* ou saraus musicaes numa villa de Minas Geraes, assentados todos os convidados em cadeiras na calçada fóra da vivenda, emquanto nos céus brilhava sereno luar. Chamava-se Valmont o cantor e possuia voz muito sympathica. No Rio de Janeiro a rua das Bellas Noites gozava de grande fama nesses serões musicaes. Passou-se essa rua a denominar-se das Marrecas por causa das aves de bronze, de cujos bicos jorravam jactos de agua no chafariz monumental da rua dos Barbonos (Evaristo da Veiga hoje) ha pouco tempo destruido a bem do alargamento do quartel de policia.

figuram de cabo tormentorio, assignalado mais por irremediaveis desastres, do que por esperanças realizadas, mau grado toda a energia e tenacidade dos que buscam vencel-o, a conquistar as Indias.

Muito mais frequentemente triumpham os tropeços e impedimentos identificados na torva e minaz figura de Adamastor, o feroz guarda dos largos e luminosos mares cobiçados.

Eis, porém, o adolescente já em vereda segura e um tanto desbastada de urzes. Conhecendo a fundo latim e cultivando sempre com afinco a arte musical em que fôra ganhando nome, vemol-o inscripto entre os alumnos da aula de philosophia racional e moral e novamente se distanciando por modo notavel dos condiscipulos. Ouvia então as lições de um mestre formado na Universidade de Coimbra o Dr. Goulão, que o propoz, no fim do curso, para seu substituto na cadeira régia, tal o apreço consagrado ao distincto alumno, como aliás se déra com os professores anteriores.

Nessa occasião e quasi homem feito foi que José Mauricio tornou real e completo o pagamento da immensa divida de gratidão contraida para com as suas duas protectoras naturaes. Recusou a nomeação offerecida afim de ter mais tempo e liberdade para chamar a si o encargo exclusivo da familia e sustental-a com o seu trabalho de musico, pondo em contribuição a sua habilidade, cada vez mais espalhada e applaudida, de improvisador á viola e ao orgão.

Consta, entretanto, que, ou então ou depois, chegou a lecionar philosophia e com muito brilho, porquanto o conego Luiz Gonçalves dos Santos, habil prégador e chronista do Rio de Janeiro, tirava motivos de orgulho de havel-o tido por mestre, conforme refere Porto-Alegre.

Em 1790 perdeu José Mauricio a querida tia, um dos seus anjos tutelares, mas cujo nome infeliz-

mente não chegou até nós. Mais commovedora ainda se torna essa mysteriosa figura, cujo influxo foi tão poderoso e tanto concorreu para salvar uma das maiores glorias desta nação.

Nesse ponto da sua vida decidiu-se elle a abraçar a carreira religiosa. Vocação real ou simples conveniencia social, não sabemos ao certo — vocação irresistivel, naturalmente absorvente, superior a tudo, tinha uma — a musica.

Assim é de crêr, que noutro paiz que não uma dependencia do velho Portugal, avassalado á influencia religiosa e até ao fanatismo mantido pelas praticas da Inquisição, ainda bastante poderosa e vigilante, houvesse com franqueza e desassombro trilhado a carreira simplesmente artistica.

Era, porém, ella possivel no Brasil de então, quando hoje, quasi decorrido um seculo inteiro, tão acanhados são ainda os seus horizontes, tão apertado o seu circulo de acção, tão deficientes e falhos os meios de se fazer valer e dar singelos recursos de subsistencia aos infelizes e torturados espiritos que a abraçaram illudidos e confiantes e se lhe conservam fieis, muito embora os amargos desalentos?

Depois, sobrelevava outra consideração e de muito peso: a côr. José Mauricio, mulato como era e mulato bem caracterizado, precisava buscar fazer desapparecer a desigualdade original que o collocava, aos olhos dos concidadãos e filhos da mesma patria, em posição naturalmente inferior e retraida; e nenhuma carreira para tanto lhe convinha como a clerical.

Com razão pondera Porto Alegre: «naquella época, as vestes religiosas tinham o prestigio e o privilegio de serem respeitadas desde a sala do vice-rei até a mais pobre habitação. O habito substituia a idade, o nascimento, a riqueza e o saber» ao que acrescentaremos e mais a côr branca.

Além disto, provavel é que José Mauricio, fre-

quentando com assiduidade pelos misteres da sua profissão as igrejas e acompanhando de muito perto todas as festas e officios sacros, fosse acrysolando o sentimento religioso que era em seu tempo geral e predominante e se sentisse inclinado para bem preencher os deveres de sacerdote, que de fórma alguma contrariavam os seus enthusiasmos e estudos artisticos.

Pelo contrario, a importancia que lhe deviam dar — como effectivamente deram — os trajes talares, facilitou o desenvolvimento dos seus talentos e da sua natureza de escól, collocando-o á testa das melhores orchestras do Rio de Janeiro e grangeando-lhe bom numero de discipulos de familias conhecidas e gradas e até discipulas, com as quaes, pela confiança que inspirava, passava, conta Porto Alegre «horas seguidas no ensino e exercicios de musica.»

Para, porém, poder ser padre e receber ordens era preciso possuir algum patrimonio e José Mauricio, apezar de toda a actividade nas lições particulares e funcções publicas mal ganhava para viver com decencia.

Peculio não tinha. Adquirira, comtudo, boas e solidas relações sociaes pela amenidade do trato, sisudez de modos, moderação de palavra e grande modestia que mais lhe realçava o muito saber, e entre esses amigos se achou um, negociante abastado e chamado Thomaz Gonçalves, que lhe fez generosa doação da casa da rua das Marrecas, a qual, segundo affirma o Dr. Moreira de Azevedo (1) tem hoje o n. 14.

Bem haja o tal amigo! Tirou do superfluo que possuia uma parte, talvez para elle insignificante,

(1) Revista do Instituto H. e G. B. Tomo XXXIV, parte 2.ª, pag. 295.

afim de ir em auxilio de um homem digno e superior, bella iniciativa que salvou do absoluto esquecimento o seu nome, aliás bem modesto, tornando-o credor da gratidão de todos os brasileiros.

Graças a esse adjutorio, poude José Mauricio receber, em 1792, as ordens de diacono e, pouco depois da sua iniciação na vida sacerdotal, cantar missa solemne. Tinha de idade 25 annos.

Era padre.

IX

José Mauricio notabilissimo organista. Começa a reunir grande bibliotheca musical. Affeiçoa-se ás obras dos grandes mestres allemães. Talento admiravel de improvisador. As suas presumidas primeiras composições. Dispersão de seu archivo. A collecção Gabriella Alves de Souza.

Nesse anno de 1792, de capital importancia na vida do nosso grande compositor, gozava elle já da mais larga nomeada no Rio de Janeiro. Ninguem podia tomar-lhe o passo na maestria com que manejava o orgão, tirando desse bello mas difficillimo instrumento os mais estupendos effeitos e incutindo funda admiração em quantos o ouviam extaticos nas solemnidades e officios da igreja, pela felicidade e opulencia da improvisação.

Provavel é começasse então a reunir a extensa e preciosa collecção de musicas e operas, que chegou a possuir, sobretudo de procedencia alleman, quando na patria germanica fulgiam, acima de tantos outros, os nomes de Haendel, Sebastião Bach, Haydn, Mozart e já começava a emergir, nos vastos horizontes da symphonia, como astro de inexcedivel brilho, o sublime Beethoven. Tomou essa verdadeira bibliotheca musical tal expansão, que causou pasmo a Sigismundo Neukomn, quando este chegou em 1816 ao Rio de Janeiro.

Imagine-se quanto não devia custar qualquer encommenda destas para fazel-as vir dos centros artisticos da Europa. Póde-se asseverar, que nelles nada apparecia, que logo não fosse requisitado pelo padre.

E por intuição do mais elevado alcance, José Mauricio manuseava com verdadeiro fanatismo, noite e dia, os grandes mestres allemães e delles hauria essa valente contextura, essa poderosa energia polyphonica, essa variedade admiravel, esse cuidado meticuloso nos minimos *detalhes*, essa repulsão do banal e da corriqueira facilidade, que tornam muitas das suas obras dignas incontestavelmente da immortalidade.

Já dissemos, é elle filho immediato dos grandes classicos germanicos, cujo prestigio de dia a dia vai em augmento e ascensão, ao passo que se afundam em olvido cada vez mais accentuado e definitivo triumphadores de outras escolas, sobretudo da italiana, que os contemporaneos, nos começos deste seculo, acclamaram de posse de virentes louros para sempre conquistados. Já muito é que do irreparavel desastre se salvem simplesmente os nomes, como éco esvaido do brilhante e ruidoso passado.

Com quem, porém, aprendeu tão a fundo José Mauricio harmonia e contra-ponto? Comsigo mesmo. Mestre abalisado em canto-chão, conhecendo todos os segredos do ritual gregoriano, arroubado enthusiasta das immensas bellezas que elle encerra, como inexcedivel expressão da fé e uncção religiosas, na continua e absorvente meditação dos modelos que estudava e interpretava assentava as seguras bases do mais solido saber musical.

E' certo, que já antes desse anno de 1792, havia grangeado reputação de notavel compositor e fizera executar, nos grandes dias da igreja, inspiradas pro-

ducções suas; mas, sem duvida alguma, maiores facilidades para tanto lhe ficaram proporcionadas pela entrada nas ordens sacras.

Na collecção Gabriella Souza (1) que ha pouco tempo tivemos ensejo de compulsar e cuja relação nos apressámos a copiar, apparece-lhe datada de 1790 a *Symphonia funebre* e marcada com o numero 4, o que faz crêr que a *Missa de grande orchestra*, que tem o algarismo 3 lhe haja sido anterior. Com falta da numeração intermedia figuram uma *Missa grande* (6), *Officio de defuntos pequeno*, reduzido a quatro vozes (7) e *Missa pequena* (9).

Qual, porém, a composição de vulto, e para grande instrumental que primeiro escreveu?

Não nos é dado hoje saber; coisa aliás difficil de apontar na vida dos maiores artistas, e sobretudo no caso presente quando deste não existe ainda hoje, parece incrivel! nenhuma obra impressa, nem nada consta de apontamentos autobiographicos.

Assegurou-me, ha não poucos annos, o fallecido e eminente medico parteiro Dr. José Mauricio Nunes Garcia, filho do nosso biographado, que nos papeis do pai devia haver exacta indicação do facto, pois tinha espirito altamente methodico e de tudo tomava cuidadosas notas diarias. Na occasião,

(1) Compõe-se esse importante acervo de 112 composições de José Mauricio, algumas por letra propria do padre, muitas simples cópia, e acha-se, a pedido da proprietaria, depositado na casa de meu amigo o Sr. Commendador José Botelho de Araujo Carvalho (rua da Imperatriz n. 116). Provém da herança que a essa sua sobrinha, Gabriella Sousa, deixou o cantor da antiga Capella Imperial, Bento das Mercês, regente tambem de orchestra, fallecido ha muitos annos e um dos castrados, affirmavam, trazidos em 1807 de Lisboa pelo rei D. João VI, em sua comitiva. Talvez, fosse cabido indagar se era e é regular a posse de tantas composições do padre José Mauricio. Não teriam sido na maior parte abusivamente tiradas do archivo daquelle templo? Pelo menos, parece inconcusso que as obras originaes deveriam ter-lhe pertencido. Algumas cópias são valiosas, e o estado de conservação de toda a collecção nada deixa a desejar, tudo numerado segundo, talvez, as datas em que foram escriptas essas musicas, marcado, o preço de cada uma dellas em avaliação baixa. A dona, ou como tal tida, pede hoje por tudo aquillo a somma de 12:000$000.

pedi-lhe com a maior instancia procedesse á busca de tão precioso archivo; mas, apezar das continuas promessas, nada fez. Aliás, a casa em que vivia vida de philosopho misanthropo a seu modo e sobretudo mysogyno e encerrava a sua immensa sciencia, admiravel pratica e infatigavel caridade, era legitimo capharnaum.

Que fim terão levado aquelles papeis, que hoje nos haviam de ser tão preciosos e de tamanho auxilio? Não ha mais como contar com elles — parece indiscutivel — espalhadas e para todo sempre perdidas essas paginas velhas, amarelladas e roidas pelo tempo e que naturalmente de roldão com muitas outras foram varridas e queimadas, como simples e immundo cisco.

Uma vez padre, tomaram as lições de musica de José Mauricio a maior ampliação, entrando elle no interior das mais importantes e recatadas familias, graças ao respeito inherente ás suas vestes sacerdotaes e á sisudez e serenidade de maneiras que muito o recommendavam á sociedade daquelles tempos, desconfiada, mettida comsigo e rigorista.

Fôra, temos por certo, bem curioso sabermos qual o preço daquellas lições particulares a meninas e senhoras; mas nenhuma informação temos a tal respeito — coisa sem duvida muitissimo exigua. Foi comtudo, nessas lições, que o mestre poude estudar o mecanismo do *cravo* ou *espinheta* e aproveitar asadas occasiões para ir adquirindo e desenvolvendo a magistral execução que, annos depois com espanto geral, poude mostrar ao piano, quando appareceram os primeiros desses instrumentos no Rio de Janeiro, pouco tempo antes da chegada do Principe Regente e da Côrte real portugueza.

No ultimo decennio já abundavam na Europa os pianos, embora fossem de creação relativamente re-

cente; mas é bem natural, que a colonia transatlantica, representada em questões artisticas do modo mais atrazado e rudimentar pela Bahia e por Pernambuco e Rio de Janeiro, não só não possuisse um unico modelo no anno de 1792, como ainda mui poucos *cravos* contasse em seu seio.

X

O cravo, a espinheta e o piano: Dá José Mauricio lições de cravo. Abre um curso de musica. Seus principaes discipulos.

Bem se sabe a differença entre piano e cravo. Este, *clavicymbalum* ou *gravicymbalum* (1) como era chamado em latim, póde ser considerado pai daquelle e derivação da famosa lyra dos antigos, que ganhou em valor harmonico e melodico o que perdeu em elegancia de fórma. Tinha um teclado de marfim, ás vezes até duplicado, e um systema de cordas esticadas, a principio feitas de tripa e depois ferro ou arame, capazes de produzir os sons das notas diatonica e chromatica e tangidas por linguetas de madeira, cujas extremidades prendiam bicos de pennas de corvo. Nos typos mais antiquados, a fórma de *espinhos* dava a todo o conjunto a denominação de *espinheta* (2), tendo a classe geral o nome de *instrumento de penna*.

Era o som do *cravo* aspero e secco, sem as modulações do *forte* e do *piano;* o da *espinheta* mais suave e grato ao ouvido, embora abafado e mono-

(1) Donde, em francez, *clavecin*. Os portuguezes, destacando as duas primeira syllabas, fizeram a palavra *cravo*.

(2) Tambem se chamava mais commummente *espineta* do italiano *spinetta*.

tono. Em ambos correspondia a cada nota uma só corda metallica. O manufactor que substituiu aquelles rudimentares e imperfeitos meios de produzir vibrações ás cordas foi o fabricante francez Marius, no anno de 1710.

Quasi simultaneamente teve um constructor allemão de nome Schraeter identica idéa, a que não deu seguimento e applicação perfeita por carencia absoluta de recursos pecuniarios. Parece, entretanto, certo, que, antes desses dois, um italiano chamado Christofali imaginou o piano tal qual é mais ou menos hoje e a que denominou *Gravicembalo col piano e forte*, pois introduziu no cravo e na espinheta os modos de modificar o som e prolongal-o, avigoran-do-o ou attenuando-o.

Data de 1745 a primeira fabrica de pianos, fundada e dirigida por Silbermann, em Dresda (Saxonia); eram de cauda e custavam 250 florins, (200$ ao cambio par), preço que foi augmentando com os melhoramentos introduzidos.

Em 1758, appareceu o primeiro piano de mesa. Dois annos depois, um contramestre de Silbermann, chamado Zumpe foi estabelecer-se em Londres, e ahi abriu uma officina que angariou grande e prompta freguezia. Muito embora a formal opposição que lhes faziam os fanaticos do *cravo* e da *espinheta*, por acharem esses instrumentos mais apropriados á distracção intima, meiga e melancolica, foram os pianos acolhidos com grande aceitação e sem demora se generalizaram por toda a Inglaterra.

Daquella officina foi que saiu John Broadwood, discipulo de Zumpe, o qual já em 1783 fabricava excellentes pianos, tão bons que a fama perdura até os nossos dias e recommenda a casa ainda hoje existente, fazendo concurrencia aos da celebre firma Collard-Collard. Na Quinta de S. Christovão existiam, até 1889, instrumentos daquelle autor, vindos

de Lisboa com o rei D. João VI e cuja valente construcção desafiava o correr dos annos. Num delles, talvez o mesmo que José Mauricio fez vibrar, conforme já ficou narrado, toquei em 1875 e com agradavel surpreza achei os sons perfeitos, sobretudo nos graves.

Tinha um só pedal e nesse ponto é que havia sensivel desarranjo. Que fim teriam levado aquelles pianos historicos? Que importancia, aliás, podiam merecer esses velhos instrumentos de musica, quando o inesperado vendaval de 1889 destruiu uma das mais formosas instituições do mundo, que amparava, com solicitude e estremecimento paternaes, a liberdade e o pundonor dos brasileiros?!...

Em 1777, o grande Mozart, numa carta escripta ao pai, lamentava não poder comprar um piano Stein, fabricante de Augsburgo, por causa do elevado preço «ainda que merecido pelas suas bellas qualidades harmonicas e excellencia de feitura». Por elle pediam 300 florins (240$ ao cambio par) e Mozart, o divino Mozart, que tanto trabalhava, os não tinha.

Quem, porém, deu immenso impulso á fabricação do piano foram os irmãos Erard que, em 1778, abriram officinas logo reputadas em todo o mundo, não sendo as gloriosas tradições ainda desmerecidas pelos descendentes do nome, pois conservaram a preeminencia nesse genero de construcção, em que tanto se distinguiram e se têm distinguido Collard-Collard, Herz (hoje firma extincta), Pape, Debain, Boisselot (tambem extincta), Kingelstein, Rabosck, Chikering e Steinway (americanos), Rönisch, Bechstein e muitos outros. Em 1878, a casa Erard celebrou com grandes festas o seu primeiro centenario. Emprega hoje poderosas machinas a vapor e um pessoal de mais de mil operarios e já fabricou para cima de 200.000 pianos desde o dia da sua fundação.

Quando novo, é o Erard instrumento incompara-

vel; nem ha artista de nota que, em exhibições e concertos publicos, deixe de se servir delle, nessa época de avelludado primor e delicadeza de sons. Com um anno, porém, de estada e uzo no Brasil, ou pouco mais, torna-se gritador e difficilmente conserva a afinação. Para este clima parece deverem merecer preferencia os pianos Wolf e Pleyel, aliás os mais estimados e procurados entre nós pelas reconhecidas condições de sonoridade e solidez.

Pelo que fica dito e fechando este longo parenthesis, em 1792 não podia, no Rio de Janeiro, o padre José Mauricio exercitar as suas qualidades nativas de grande executante senão nalgum modesto *cravo* que encontrava na casa das suas discipulas, e tanto assim era, que nem sequer reunira dinheiro bastante para ter um seu proprio. Na aula que, mais ou menos por esse tempo, abriu gratuitamente na sua casa da rua das Marrecas, ensinava — de accôrdo com o que lhe succedera na classe de Salvador José — a lição aos alumnos num simples e unico violão.

Prova incontestavel de grandeza d'alma e incansavel constancia, essa aula, d'onde saiu a maior parte dos cantores e instrumentistas que, depois, compuzeram a excellente orchestra das sumptuosas festas de igreja do tempo de D. João VI.

Della tambem provieram compositores de merito, acima de todos Francisco Manoel da Silva (1), Francisco de Luz (1) e Candido Ignacio da Silva e alguns fanaticos da musica sobretudo classica, padre Manoel Alves Carneiro (2), Francisco da Motta e outros que ainda viviam em 1860 e que falavam do insigne mestre com ardente enthusiasmo e profunda veneração.

Grandeza d'alma, diziamos, pois no meio das difficuldades da vida collocou antes de tudo e com inexcedivel desinteresse o nobilissimo sentimento de ser util aos seus patricios, facilitando aos desprotegidos da fortuna, lembrado sem duvida dos penosos dias da propria existencia, o auxilio e os conselhos de que tanto necessitam nos primeiros passos de qualquer carreira — incansavel e nunca assaz exaltada constancia, porquanto manteve essa aula, elle só, sem apoio nem recompensa, por espaço de *trinta e oito annos*, até quasi os seus ultimos dias, em 1830!

Não foram, de certo, trinta e oito mezes, tempo, aliás, mais que sufficiente para que esmoreçam e se finem enthusiasticas tentativas e as mais firmes intenções. E não se esforçava tão sómente por incutir aos discipulos os principios e segredos da arte que tanto estremecia e em que tão alto subiu, fazia quanto nas forças podia caber para delles arredar todos os tropeços que por ventura se oppuzessem á expansão das suas aptidões e vocação musicaes.

---

(1) Francisco Manoel da Silva é autor do vibrante hymno nacional que tanto fala ao coração brasileiro, compositor muito fecundo de innumeras musicas sacras. Tinha real talento e inspiração, mas infelizmente deixou-se demasiado influenciar pela escola italiana de Marcos Portugal, segregando-se da alleman, que lhe ensinára José Mauricio. Aliás, este proprio, o abalisado mestre! não se curvou por fim á imposição da moda? Adiante veremos quão pernicioso lhe foi o influxo do decadentismo italiano. As composições de Francisco Manoel peccam, em geral, pela desnecessaria e cansativa ornamentação de *gruppetti* banaes, cadencias e trinados. Ha delle, comtudo, uma ou outra bella pagina. Daquella escola foi, entre nós, ultimo representante o velho Fioritto, por larguissimos annos regente da musica da Capella Imperial, e que tanto admirava José Mauricio no seu segundo modo de ser (escola italiana) quanto o aborrecia no primeiro (escola alleman), quando o inverso é que era o certo e justo. Emfim, não antecipemos.

(1) O bom e modestissimo Francisco da Luz foi meu professor de solfejo e musica no Collegio de Pedro II. De quantas travessuras não o faziamos victima! Ora puxavamos de leve o velho Collard, cujas roldanas dos pés obedeciam ao menor impulso, e o obrigavamos assim a percorrer uma vasta sala, acompanhando de cada vez o instrumento com o banco do piano, ora lhe davamos com o teclado em pleno estomago. «Hei de reproval-os a todos bradava colerico e todo vermelho. E' o unico meio de criarem estimulo!» E accrescentava logo com meiguice: «Pois bem, sejam travessos; mas, pelo amor de Deus não desafinem muito!»

(2) Foi Manoel Alves Carneiro por longos annos o padre da confiança de minha familia e confessor nosso. Era enthusiasta inexcedivel de Beethoven. Que beatitude quando nos ouvia, a mim e á minha irman Adelaide, executarmos ao piano a quatro mãos sonatas daquelle classico! Bom rabequista, para viver com mais folga, fazia parte da orchestra do theatro lyrico. Morreu velhissimo. Que engraçadas historias entre elle e o Luz! Mas isto nos alongaria demais.

Foi assim que, depois e no tempo do valimento do principe regente D. João, conseguiu do governo que os rapazes que frequentassem assiduamente essa aula gratuita, fossem isentos do serviço das armas e escapassem do terrivel e temido recrutamento, favor assignalado e de enorme alcance naquella época de violencias e arbitrariedades (1). Como distinctivo de tão importante regalia traziam aquelles moços ao chapéu um tope azul e encarnado, devendo, em compensação, prestar-se para irem cantar nas festas da Capella Real, reforçando os córos e a orchestra, quando assim fosse julgado necessario (2).

(1) Meu tio Augusto Maria Taunay, nascido em 1768 e fallecido na Tijuca (Brasil) em 1824, esculptor de nomeada, conseguiu, por empenho da Academia das Bellas Artes de Pariz, ser dispensado do serviço militar, por ter tirado em concurso de esculptura o grande premio de Roma. Foi isto, porém, a muito custo obtido, sendo até motivo de um decreto especial do Imperador Napoleão. O mesmo se deu em relação ao insigne architecto Grandjean de Montigne.

(2) Houve por esse tempo no Rio de Janeiro outra aula de musica afamada, regida por um franciscano chamado frei Antonio, pianista, segundo conta Balbi, de grande maestria e cujo talento provocava a admiração de Bachicha, do padre José Mauricio e de G. Neukomm. Bachica foi tambem artista de notavel execução ao piano. Viera de Portugal com D. João VI. Enlouqueceu e nos momentos de maior desvairamento, improvisava com estupenda inspiração e copiosidade.

XI

Elevada instrucção humanistica de José Mauricio. Seus conhecimentos linguisticos. E' nomeado em 1798 mestre de capella da Sé Cathedral. Revela-se excellente prégador. Amizade que lhe vota o Bispo D. José Caetano. Reuniões literarias no palacio episcopal. A timidez de José Mauricio.

Padre e professor de musica, já ganhava José Mauricio os estrictos meios de subsistencia para sustentar a si e a familia. Na faina, porém, dos labores quotidianos, não se esquecia de continuar a illustrar a intelligencia e o vemos citado por contemporaneos pelo invejavel e consciencioso saber.

Latinista de força, delle diz o conego Januario da Cunha Barbosa, no elogio necrologico de 7 de maio de 1830 do *Diario Fluminense:* « Juntava José Mauricio a todos os estudos necessarios para o presbyterato, vastos e profundos conhecimentos de geographia e de historia, tanto profana, como sagrada, e das linguas franceza e italiana, não sendo hospede na ingleza e grega, que tambem estudara, mas não com tanto afinco. » Acrescenta o Dr. Moreira de Azevedo (1) que conhecia tambem o hebraico.

(1) *Revista do Instituto Historico.*

Tinha elle 30 annos de idade, quando, fallecendo o padre João Lopes Ferreira, mestre de capella da Cathedral e Sé, hoje igreja do Rosario, foi nomeado para esse cargo, com o ordenado annual de 600$, conforme se vê do termo lavrado pelo beneficiado João Gonçalves da Silva Campos a 2 de junho de 1798, com obrigação de occupar o orgão sempre que se tornasse preciso.

Nesse mesmo anno de 1798, adiantou não menos importante passo, pois teve licença de prégar, conseguindo, pelos dotes oratorios e variada instrucção que então pôde manifestar, a consideração e estima de um eminente prelado, bispo depois de Rio de Janeiro, o illustre D. José Caetano da Silva Coutinho.

E este não perdia ensejo de encarecer, já não os talentos de José Mauricio como musico — que esses se haviam tornado proverbiaes na capital da grande colonia portugueza — mas sim os seus predicados de virtuoso e esclarecido sacerdote, dos primeiros, senão o primeiro da sua diocese.

Tambem era um dos mais assiduos frequentadores das palestras literarias quasi diarias, que aquelle bispo organizara á noite no seu palacio episcopal, especie de academia intima que se manteve longos annos e de que foram membros o padre Caldas, Marianno José Pereira da Fonseca, depois marquez de Maricá e outros vultos brasileiros dos começos deste seculo.

Conta-nos Porto Alegre, que em 1821 cessaram essas palestras, por ter sido o palacio do bispo vigiado pela policia, de ordem do governo, devido isso a intrigas de um general chamado Nobrega, que accusara o prelado de infenso á causa da Independencia, razão pela qual morreram inimizados D. José Caetano e José Bonifacio.

Tempos depois, entretanto, declarara aquelle general que dera a tal denuncia por méro gracejo e

para privar o bispo das innocentes reuniões nocturnas a que se mostrava tão affeiçoado. Houvera, comtudo, um antecedente que explicava a tacanha vingança — não ter querido D. José autorizar a familia de Nobrega a entrar livremente no convento da Ajuda e lá passar temporadas em visita a uma freira sua parenta.

Mesquinho desforço ou simples caçoada [1] de mau gosto, logrou o seu fim, porquanto o bispo, desde esse tempo, mandou fechar as portas do palacio ás 8 horas da noite em ponto e conservou rigorosamente essa pratica até 1833, data do seu fallecimento.

Voltemos, porém, ao padre José Mauricio.

Prégador desde 1798 e muito applaudido e procurado, embora bem escassamente retribuido — recebia por cada sermão de 5$ a 10$000 — ainda ahi, ao dar bellas provas da sua fecunda inteligencia mostrou quão meticulosa tinha a consciencia e quanto aproveitava qualquer ensejo de se aperfeiçoar cada vez mais, avigorando o seu saber.

Vemol-o, com effeito, em 1802 matriculado como simples alumno na aula de rhetorica do Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga frequentando com a maior constancia esse curso por espaço de dois annos, o que foi pelo mestre attestado em honroso documento «*fazendo*, reza elle, *rapidos progressos, que raras vezes se encontram*».

Não é, de certo, commum, ir-se, já de posse de posição social e insigne num ramo de conhecimentos humanos, sentar-se aos 35 annos de idade nos bancos de uma escola, entre condiscipulos de pouca idade. Como estamos longe das praxes de hoje, em que o

(1) Pertence a palavra a Porto Alegre, vocabulo, aliás, outr'ora muito em uzo no Rio de Janeiro e agora quasi abolido. Havia até o becco da Caçoada (hoje rua do Senado prolongada) e ahi foram morar os Beaurepaire e Escragnolle, ao chegarem de Portugal com a côrte do principe regente.

tempo parece pouco, não para de continuo aprender e avolumar o cabedal do espirito, mas para usufruir e gozar o escasso e superficial, que atropelladamente e em verdes annos foi mais ou menos estudado nas academias!...

Ora tudo quanto deixámos contado, nos fins do seculo XVIII e começos deste e numa região do mundo que vivia debaixo do jugo apertado e zeloso da metropole portugueza, eram, para um homem pauperrimo e ainda mais de sangue tão mesclado, estrondosas victorias ganhas a poder de immenso merecimento, que a todos imperiosamente se impunha, disfarçado sob as fórmas da mais rara e recatada modestia.

Naquelle tempo assentara a Revolução franceza por modo inabalavel os grandes principios que constituem na pratica hoje para todos nós filhos deste seculo, precioso e inalienavel apanagio mas naquella época o que as outras nações buscavam era formar em torno dos novos ideaes, tidos por subversivos de todas as instituições divinas e humanas, verdadeiro e ferreo cordão sanitario.

Portugal, lá do seu cantinho occidental, erguia tambem a voz, vozinha esganiçada e fraca, no côro de maldições e pelo restringimento das suas medidas promettia resistir tenazmente a toda a tentativa de modificação do vetusto systema governamental, em que classes sociaes bem distinctas e gradativamente menos favorecidas de isenções e privilegios repousavam umas em cima de outras, descansando ellas sobre a massa popular, que fazia vezes de alicerces subterraneos destinados só a carregarem o peso de toda essa oppressora construcção moral.

D'ahi bem se comprehende quanto não era aos que estavam debaixo difficil romper por todas essas camadas de organizações seculares para alcançarem uma posição no meio dos felizes, nascidos pelo favor do destino nas alturas e que mui naturalmente consideravam usurpação qualquer lugar mais saliente, ainda que conquistado palmo a palmo.

E de tudo isso resultava naquelles mesmos que subiam grande timidez innata, desconfiança de si proprio, a convicção de que precisavam pela prudencia e sincera esquivança fazer desculpavel o valimento da fortuna que, muitas vezes, os levára além de tudo quanto haviam podido ambicionar. D'ahi rasgos que hoje em dia seriam já não pouco criveis porém sim impossiveis, como, por exemplo, o do grande marechal Catinat, que julgara dever abnegadamente recusar uma distincção honrosa, por não ser de sangue nobre.

O eminente guerreiro da França pensava assim de si mesmo no meio dos triumphos em campos de batalha, de quanta cautela, simplicidade e lhaneza não necessitava o mulato José Mauricio para, muito embora as vestes sacerdotaes, o incontestavel talento e conservada a justa altivez dos espiritos nobres, conquistar a estima e o respeito dos fidalgos portuguezes, ciosos da sua grey, a amizade e convivencia de prelados poderosos e depois a protecção e o apreço de principes e até o rei de Portugal, Algarves e Brasil, no tempo do *quero, posso e mando?*

XII

Influencia enorme de José Mauricio no surto musical do Rio de Janeiro. Palavras de Porto Alegre. Influencia dos grandes mestres germanicos. A phase fecunda de 1798-1808. Chegada da Côrte portugueza ao Rio de Janeiro. Perseguição movida ao compositor pelos musicos reinoes. O reconhecimento de D. João VI.

No decennio que decorreu de 1798 a 1808, data esta, como bem se sabe, de importancia transcendental na historia e nos destinos de todo o Brasil pela chegada do principe regente D. João e de sua côrte ao Rio de Janeiro, achou-se o illustre compositor sacro nas melhores condições afim de bem assentar a sua posição na sociedade fluminense, para assim dizer incipiente, e imprimir o devido elasterio a todas as suas aspirações artisticas, transmittindo-as, alem disto, a numerosos e estimados discipulos.

Tinha, com effeito, sob as suas ordens e inspecção a melhor e mais completa orchestra, que então existia na capital da grande colonia portugueza; dirigia, na qualidade de respeitado mestre, o côro da cathedral que reforçou com instrumentistas e cantores cuidadosamente escolhidos; via frequentada com as-

siduidade a sua aula gratuita da rua das Marrecas, a que consagrou, conforme já dissemos, 38 annos de ininterrompida e zelosa actividade e contava com boa copia de lições particulares, ministradas a filhos e filhas das melhores familias, que o recebiam com toda a confiança e carinho em seu seio e intimidade.

Tão grande foi a influencia que exerceu naquella época pelo ensinamento e pelo exemplo, tão applaudido o seu talento de abalisado profissional e inimitavel improvisador no orgão, no cravo e no violão, acompanhando-se com voz suavissima e em extremo afinada, dotes cada vez mais aprimorados pela applicação e constante estudo, tal a brandura e paciencia com que leccionava, tanto o empenho que punha em proteger e fazer medrar as vocações nascentes, que Porto Alegre não duvidou attribuir, na maxima parte ao padre José Mauricio o gosto pela musica que então avassalou o Rio de Janeiro e ainda hoje perdura. «De tal maneira, diz elle (1), enraizou esse gosto, que esta cidade póde presentemente (1856) chamar-se a cidade dos pianos» (2).

Emquanto no Velho Continente se desenrolavam os portentosos successos dos principios deste cadente seculo, que levaram Napoleão ao pinaculo de glorias e poderio offuscadores e excepcionalmente conquistados, emquanto as nações da Europa contemplavam, pasmas e apavoradas, a inconcebivel ascensão desse obumbrante astro, em que innumeros fanaticos e adoradores, milhões e milhões de entes, saudavam a ultima palavra da perfeição e impeccabilidade possiveis ao homem (quantos erros, comtudo, dentro em breve accumulados e a engendrarem desgraças sem fim!) fruia o nosso biographado, no mo-

---

(1) *Revista do Instituto Historico*, tomo XIX, pag. 359.

(2) Queremos crêr que, após 40 annos já passados, ainda hoje é applicavel a observação de Porto Alegre. No Rio de Janeiro, a expansão do commercio de pianos ha sido enorme.

destissimo recanto de alem Atlantico, os mais bellos e socegados dias da sua existencia de laborioso e genial artista — elle tambem, o desamparado e triste mulato de 1767, com uma parcella de genio no cerebro! — passando a vida no meio dos seus queridos livros, no trato continuo dos classicos gregos e latinos e cercado daquella bibliotheca musical que, mais e mais, se ia avolumando com os reiterados pedidos de tudo quanto se publicasse notavel em França, Italia e sobretudo Allemanha.

Tambem á grandiosa, omnimoda e polyphonica escola dos Bach, Hændel, Haydn, Mozart e Beethoven, a não falar senão nos mestres incontrastaveis, — e só nesses, que estupenda fecundidade e opulencia! — dedicava, por abençoado pendor, ardente culto e exclusiva paixão e nella modelava todos os impulsos do seu estro nobre, alevantado e inimigo nato da trivialidade, seguindo-lhe os passos a orientação sem jámais perder o cunho do bem assignalado individualismo.

Parece-nos que, por isso, dentro desse decennio de 1798 a 1808, prolongado uns tres annos mais, até 1811, é que devamos encontrar, no largo espolio deixado pelo mestre, as suas obras mais notaveis, mais dignas de se tornarem conhecidas do mundo inteiro — periodo (1) em que foi absolutamente pu-

---

(1) No tomo XXII da *Revista do Instituto Historico*, acha-se ás pags. 504, 505 e 506 a *Cópia fiel do original em mão do Sr. Dr. J. M. Nunes Garcia* (filho reconhecido do padre José Mauricio) feita por Porto Alegre, *em que se vê, por notas do proprio punho do Padre que, até ao dia 6 de Setembro de 1811, tinha escripto as seguintes composições musicaes para a Capella Real:* 7 Dixit Dominus — 5 Confitebor — 5 Beatus vir — 7 Laudate pueri — 4 Laudate Dominum — 9 Magnifica — 5 Lœtatus — 5 Nisi Dominus œdificaverit — 4 Lauda Jerusalem — 1 In exitu — Differentes psalmos avulsos — 1 Memento Domini — 1 Credidi — 1 Beati omnes — 1 Domini probasti — 1 Inconvertendo Domini — 1 Exaltabo — 4 Confitebo quomniam audisti — 8 Psalmos alternados, (jogos) — 3 Ladainhas — 1 Antifona — 1 Ave Regina — 1 Alma Redemptoris — 1 Regina cœli — 1 Si queris miracula — 1 Motteto da trezena de S. Antonio — 2 Stabat Mater — 2 Mottetos das Dôres — Semana Santa, Responsorio e lamentações da 4.ª, 5.ª e sexta-feiras — Toda a Semana Santa da Sé — Matinas da Resurreição — 2 Responsorios —

rista allemão no modo de ser e de compor e pôde entregar-se, sem constrangimento de especie alguma, a todos os surtos do seu estro e das suas inclinações.

Com a vinda do regente D. João e da familia real ao Rio de Janeiro, tangidos de Lisboa pela acção violenta de Napoleão, que pretendia não deixar throno algum na Europa assente em seus alicerces tradicionaes, cresceu, por certo, o renome de José Mauricio, pois o principe, com admiravel intuição, comprehendeu logo o alto valor do musico, que inopinadamente encontrara na capital dos seus dominios coloniaes.

E deste favor — que é poderosissimo argumento contra as levianas accusações de estulticia e imbecilidade moral desse monarcha, ainda tão mal apreciado — emanaram alguns annos mais de fertil e formosa elaboração no sentido da grande arte; mas quando appareceu em 1811, na côrte, como mestre preponderante, Marcos Antonio Portugal representante ge-

---

1 Officio de defuntos — 1 Ille dies — 1 Missa com grande orchestra — 14 Missas a vozes e orgão — 5 Solos avulsos — 3 Mottetos com grande orchestra — 1 dito com violoncellos e fagotes — 2 ditos a vozes e orgão — 1 Novena de S. José — 1 dita do Coração de Jesus — 1 dita do Carmo — 6 Sequencias — 3 Te-Deum laudamus — 2 ditos de violoncellos e fagotes — 1 a vozes e orgão — 3 Ecce sacerdos — 1 O' salutaris hostia — 2 Tantum ergo — 1 Sacrus convivimus — Missa do Advento e da Quaresma — Mottetos das 5 Domingas da Quaresma e das Quatro do Advento — 1 Benedictus — 1 dito de violoncellos e fagotes — 3 ditos a vozes e orgão — 1 dito das procissões — 1 Matina — 1 dita de violoncellos e fagotes — 3 ditas de vozes e orgão — Mottetos para a procissão do Corpo de Deus — 1 Pange, lingua — 22 Hymnos a vozes — 4 Missas de cantochão figurado — Ao todo, mais de 197 composições.

Na collecção Bento das Mercês, a que atraz nos referimos e pertencente hoje a D. Gabriella Souza — collecção formada, segundo nos asseverou o Sr. Dr. I. Goulart, testamenteiro do Dr. José Mauricio, de successivos emprestimos feitos ao archivo deste medico pelo mesmo Bento e nunca mas restituidos — ha valiosos *sparttitos* não incluidos na relação acima — por exemplo: Symphonia funebre (1790) executada nas exequias do padre, em 1830; Gradual de Sant'Anna (1796) Dito da Ascensão (1799) — Noite de Natal (1793) Offertorio de S. Miguel (1798) e muitos outros. Não é descabido calcular em mais de 400 o numero de composições de José Mauricio. Depois da chegada do rei, trabalhou tanto, por ordem do principe, que enfermou gravemente, tendo por isso autorização especial para dizer missa em casa.

nuino da escola decadente italiana [1], todo elle só orgulho e infatuação pelos louros colhidos em todos os palcos europeus, soffreu o talento do nosso compositor possantes embates, a que resistiu não pouco tempo e contra os quaes soube, por vezes, reagir, mas que afinal, acabaram por lhe impressionar o espirito, modificando-lhe sensivelmente a primitiva e bella feição.

Muito embora o sentimento de verdadeiro pasmo, quasi assombro, que ao proprio Marcos Portugal causou, nos primeiros dias de estada no Rio de Janeiro, José Mauricio — e deixámos contado o significativo episodio no capitulo inicial deste tentamen biographico — não tardou muito e um sem numero de razões de attrito e radical separação entre os dois artistas actuou com irresistivel imposição, tornando o nosso compatriota victima de insistente guerra, a principio surda e um tanto velada, depois ás claras e rancorosa, que lhe moveu o maestro portuguez.

Os biographos de José Mauricio, aliás bem resumidos e ingenuos, na apreciação das causas historicas e psychologicas, levaram tudo á conta de inveja, o que é commodo, alem de grato ao amor proprio nacional.

Nos choques, porém, continuos, de todos os momentos, entre essas duas eminentes personalidades ar-

(1) O Sr. conselheiro Pereira da Silva dá Marcos Portugal como discipulo de Haydn, confundindo-o com Sigismundo Neukomm! (*Historia da fundação do Imperio brasileiro*, tomo III, pag. 146). Curiosissima tambem e indesculpavel a confusão que este escriptor e, antes delle, Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, fizeram entre José Mauricio Nunes Garcia (brasileiro e José Mauricio de Assumpção, mestre de capella em Coimbra, o que deu lugar a que Innocencio da Silva lavrasse protesto, violento demais, no tomo II do *Archivo Pittoresco*, pags. 203, 212 e outras. O equivoco era, aliás, todo em favor do José Mauricio portuguez. Joaquim de Vasconcellos (*Musicos portuguezes*, tomo I, pag. 236) diz, com effeito, do *Miserere* deste, apregoado verdadeira obra prima: «A montanha gemeu e pariu um rato!» O nosso José Mauricio nasceu a 22 de setembro de 1767 e falleceu a 18 de abril de 1830. José Mauricio de Assumpção (portuguez) nasceu a 19 de Março de 1752 e morreu a 12 de setembro de 1815.

tisticas, não se cifrava a luta só a questões individuaes ou de competencia perante as boas graças do principe, depois rei D. João VI; havia muito mais — o fundamental antagonismo de duas possantes escolas de tendencias e feitura absolutamente discordes, com objectivos diversos, buscando cada qual supplantar outra; a italiana toda ella melodica e flacida de posse então do primeiro lugar, em que dominava senhora absoluta de quasi todos os paizes cultos, a alleman, firmada na harmonia e na severidade scientifica, disputando-lhe a supremacia e preeminencia, que afinal conseguiu, por ter do seu lado a verdade e a legitima elevação intellectual e esthetica.

De José Mauricio, a cada nova composição que exibia, diziam com ar compassivo os musicos portuguezes: «Falta-lhe gosto!» e, como attenuante, acrescentavam: «Aliás, nunca saiu do Rio de Janeiro; não viu, nem ouviu nada; não foi á Italia; não aprendeu; não teve mestre; não frequentou conservatorios!»

E no torvelinho dessas censuras, éco do que pensava e dizia Marcos Portugal, e de mil mexericos, a que a calumnia chegou a emprestar negras côres, era a imparcialidade de D. João VI, ou antes o gosto innato do rei, bem difficeis de manter no encontro de tantos interesses até politicos, o unico ponto de apoio para o pobre do padre, envolvido num mundo de intrigas que sabia debellar a poder de muita resignação e correctissimo proceder e num sem fim de desfeitas, que vencia e sobrepujava com segura e nobre altaneria. «O que tenho soffrido daquella gente, costumava dizer mal sopitando a indignação, só Deus sabe; se não tivera El-Rey por meu lado, mil vezes estalaria de dor!»

Tantos embates, comtudo, estragaram-lhe, até certo ponto, as qualidades nativas e não poucas composições produziu elle, obedecendo ao pernicioso influxo de 1815 a 1830, quando veiu a fallecer, que certa-

mente não podem hombrear com os frutos do periodo que chamaremos *aureo*. Ainda ahi, porém, surgem, de vez em quando manifestações do maximo valor; entre ellas a grande *Missa de Requiem* para os funeraes de D. Maria I, talvez até a sua obra prima, que Sigismundo Neukomm, discipulo dilecto de Haydn, não duvidava collocar a par do *Requiem* do divino Mozart.

E este juizo, partido de entidade tão competente na materia, cuja educação se fizera entre os maiores inspiradores da arte moderna, póde ser considerado a pedra angular do glorioso pedestal, em que se ergue o nome do padre José Mauricio.

Tudo isto havemos de contar, com a possivel minudencia, na segunda parte deste estudo biographico, muito mais bem documentada e interessante do que a primeira, em que, a cada instante, esbarravam as nossas pesquizas em duvidas, lacunas e obscuridades, que não podem mais nunca ser explanadas e esclarecidas, por deficiencia absoluta de seguros dados e inconcussas fontes de informação.

Chegados ao limiar do fecundissimo anno de 1808, encontramos, como acima ficou dito, o padre José Mauricio gozando existencia tranquilla e prestigiada e todo entregue aos seus multiplos trabalhos e deveres de sacerdote e musico.

Delle dependia, quasi exclusivamente, o brilho das festas religiosas mais importantes e pomposas que se celebravam no Rio de Janeiro, já honrando seguidamente o pulpito, já sobretudo dirigindo os canticos, empunhando a batuta, dando particular relevo á parte instrumental e regendo, com inexcedivel maestria, grandiosas producções, ou dos mestres da Europa, ou da lavra propria, e estas, sem duvida, não eram de somenos valia. Se a vida, nesse tempo lhe corria livre das agitações que depois a saltearam, não deixavam, entretanto, de incommodal-a serios embaraços pecuniarios.

Com os seus habitos de modestia e desinteresse, só a custo de muita assiduidade e constantes canseiras, é que podia ir-se mantendo honesta e decentemente e dar á boa e extremosa mãi (1) condições de melhor subsistencia, condigna compensação aos innumeros sacrificios por ella feitos para tanto elevar o filho, tornando-o capaz de merecer o apreço dos contemporaneos e por fim de alcançar a admiração da posteridade!

(1) Falleceu no mesmo dia que a rainha D. Maria I, a 20 de março de 1816. D'ahi, mui naturalmente, os sublimes accentos de dôr e angustia, que, partidos do coração de um filho, perpassam por toda aquella obra, destinada ás exequias de outrem, uma Rainha!

Que bella contraposição! A humilde filha de uma negra da Costa da Africa servindo, pelos thesouros de affeição dispensados a flux, para infundir realce aos lamentos pela morte da mãi de omnipotente Rei!

SEGUNDA PARTE

I

D. João VI e José Mauricio. Protecção dispensada ao compositor. Injustiças da apreciação dos actos do monarcha. Agraciamento de uma venera de Christo a José Mauricio e de uma pensão: Modestia excessiva de José Mauricio. Os «doze divertimentos» para banda de musica. Grande triumpho do Padre. A opera: *Le due gemelle.* Retirada de D. João VI para Europa. Decadencia enorme das cerimonias da Capellã Real. Proclamação da Independencia.

«Falavamos do bello accôrdo de vistas, sentimentos e altos intuitos artisticos que sempre existiu e perdurou entre o rei D. João VI e José Mauricio — o monarcha muito superior em intuição esthetica e musical não só a toda a sua côrte como até aos profissionaes, de valor, comtudo, que o cercavam e por todos os lados moviam guerra constante e desleal ao nosso inspirado patricio por causa da mascula e gloriosa escola allemã a que se filiára e que tanto destoava das exigencias e imposições, flacidas e eviradas, da moda rossiniana.

Não fôra a decidida protecção do soberano, e o padre, teria ido vegetar no isolamento e no desprezo.

Não; D. João VI em tal não consentiu; chamou-o

para a luz, a evidencia; trouxe-o sempre em primeiro plano, para assim dizer, ao seu lado.

Escreve Porto Alegre em sua biographia do nosso compositor:

«Para se avaliar o poderio e a força do talento de José Mauricio, basta dizer que el-rei o chamava o novo Marcos, antes que este celebre compositor tivesse chegado ao Brasil; e, que a despeito da sua côr mestiça, era tolerado na corte, n'essa corte onde o auto de nascimento formava o maior merecimento do homem, dava direito a todas as sympathias, e onde o ser Brasileiro, e mormente mulato, bastavam para alienar de si todos os favores, e mesmo muitos direitos.

O Senhor D. João VI era o unico que de coração nunca distinguiu no homem incidentes ou accidentes: pai e principe havia nascido acima de todos os preconceitos de inveja, ou da moral de uma nação em decadencia, cujo egoismo e incapacidade se encastellavam no privilegio do acaso de ter nascido em Portugal.

Fóra da atmosphera da presença de el-rei, José Mauricio soffreu muitas vezes dos musicos portuguezes invectivas bem dignas da estupidez alternada; porem sua alma nunca se dobrou a uma represalia.

Em uma dessas grandes festividades, sentiu-se el-rei tão arrebatado de enthusiasmo, que, acabada a festa, mandou chamar ao paço o padre José Mauricio, e em plena corte, tirando da farda do visconde de Villa Nova da Rainha o habito de Christo, collocou-o com a sua propria mão no peito do seu musico, dizendo-lhe ao mesmo tempo as cousas as mais lisongeiras. Este facto memoravel para a gloria do artista, e para a do seu rei, aconteceu no anno de 1810 pouco antes de Fevereiro; porque professou em 17 de Março, tendo por padrinhos a Fr. Francisco José Rufino de Souza, o mesmo visconde de Villa Nova da Rainha, então barão, Fr. José Marcelino Gonçalves, seu discipulo e filho do seu antigo protector Thomaz Gonçalves.

Foi este acto de el-rei a salvação de José Mauricio.

Pouco tempo depois, mandou-lhe dar uma ração de criado particular, a qual foi convertida em uma mensalidade de 32$000 rs. a requerimento do musico, á vista dos embaraços que soffria na Ucharia dos empregados do paço.

El-rei, convencido dos incommodos de José Mauricio, provenientes da vida sedentaria, ordenou que se lhe mandasse dar um cavallo todos os dias. A ordem executou-se, pois que todas as tardes vinha um moço com o cavallo, mas este era de tal natureza que o mestre, e nem o proprio moço ousavam ensaial-o por um minuto. Parece que o estribeiro mór daquelles tempos julgava iguaes talentos o de mestre de capella e o de mestre de equitação».

Commentando estas demonstrações do favor regio observa Moreira de Azevedo referindo-se ao agraciamento de José Mauricio com a venera de Christo:

Esse acto de El-rei animou e deu alento ao grande artista, que mais facilmente soube desdenhar as zombarias da côrte, e rir-se da ignorancia d'aquelles que desprezavam-no por ser um pouco escura a côr da pelle.

Mais tarde renunciou José Mauricio essa condecoração em seu filho Dr. José Mauricio Nunes Garcia, que a conserva como uma reliquia preciosa.

Mandára El-rei vir de Lisbôa o organeiro Antonio José, que amigo de José Mauricio, iniciara-o no mecanismo do orgão da capella real, instrumento composto de tres teclados, muitos registros e assaz complicado, tendo na base uma carranca que nas

notas graves escancarava a boca e esbugalhava os olhos.

Servia-se José Mauricio d'esse orgão para deleitar o rei nas solemnidades religiosas; improvisava melodias, brincava sobre o teclado, fazia chover um conjuncto de sons harmonicos, e repetia inesperadamente as notas graves que despertavam o monarcha, os nobres, o auditorio, attrahindo a attenção de todos para o coro da igreja cathedral.

Emquanto não chegou de Lisbôa o organista José do Rosario exerceu o artista brasileiro mais esse emprego na capella real.

Apesar da vastidão de sua intelligencia e riqueza dos seus talentos, tão afanoso era o trabalho a que se dedicava o eminente artista, compondo e ensaiando peças novas que já em 1816 sentia alterações em sua saude, como se deprehende de um requerimento por elle dirigido ao bispo, em que pedia permissão para celebrar missa em casa.

Em signal de amizade e apreço a esse musico de sua real capella ordenou D. João VI se lhe concedesse uma ração de criado particular do paço; mas os que dirigiam a ucharia molestavam com doestos ao pobre artista que por evitar lutas mesquinhas, requereu fosse a ração convertida em dinheiro, e de feito o erario regio arbitrou-a em trinta e dois mil réis mensaes.

Concedia-lhe o rei esses favores e prestava-lhe consideração e estima; no emtanto ao encontrar-se um dia, nas salas do palacio, com o seu musico predilecto disse-lhe:

— O padre nunca pede nada!...

José Mauricio curvou-se, tomou a mão do seu protector, beijou-a e respondeu:

— Quando Vossa Magestade entender que eu mereço me dará!

Não sabia pedir, e conhecendo seu merecimento

não queria diminuir com a supplica a graça que pudesse receber das mãos reaes.

A mezada que alcançára de creado particular do paço foi-lhe supprimida logo depois de ausentar-se D. João para Lisboa». (Cf. Revista do Instituto Historico Brasileiro T. 34, 2, p. 297).

Novos pormenores sobre a vida artistica do genial mestre fluminense dá-nos Porto Alegre.

«Na fragata que nos trouxe a archiduqueza; primeira imperatriz do Brasil, veio uma banda de musica digna de acompanhar e suavisar a longa viagem daquella saudosa princeza. José Mauricio até então não tinha visto essa precisão mecanica, essa igualdade de execução que é um dos privilegios dos compatriotas de Mozart e Beethoven, e nem tão pouco conhecia os novos instrumentos que ella trouxe. Tão enamorado ficou de ouvir aquella banda musical, que para ella improvisou doze divertimentos, que são doze peças admiraveis de inspiração. Durante os ensaios d'estas obras, o povo ia ouvil-os no largo de S. Jorge, defronte da casa de José Mauricio.

Algum tempo depois, e por ordem de el-rei escreveu para o real Theatro de São João uma opera; intitulada — le due gemelle, cujas partituras se perderam, uma no incendio do mesmo theatro e a outra, o original, nos papeis de Marcos de Portugal, que foram vendidos a peso aos fogueteiros e taverneiros; pois que em uma nota escripta pelo proprio punho de José Mauricio feita no inventario da musica do real theatro em 1821, se acha o seguinte:

«Le due gemelle, drama em musica por José Mauricio: com instrumental e partes cantantes: a partitura se acha em casa do Sr. Marcos Portugal.

Algumas pessoas dizem que esta opera nunca fôra á scena, porém outras affirmam que o fôra, mas que a monita secreta a separava do theatro, afim de que somente Marcos Portugal ficasse em campo».

Com o regresso d'el-rei, as festas da capella foram modificadas; como se vê da provisão episcopal de 17 de Maio de 1822, onde o bispo declara: «já não ser possivel celebrarem-se os officios divinos com o mesmo rigor de forma e residencia, e solemnidade de cantorias, que fora da sua primeira instituição». Os ministros da igreja se haviam retirado e com elles alguns artistas, ficando entretanto os principaes, porque o principe regente tambem era musico, e havia já composto alguma cousa, comquanto não fosse tão intimamente apaixonado pelo cantochão, ceremonias e outras disciplinas proprias de uma cathedral altamente luxuosa.

A musa de José Mauricio não revelou-se na Independencia, porque como dizia elle, o principe queria fazer tudo.

Se á nova face dos acontecimentos politicos juntarmos trinta e tres annos de trabalho assiduo, e a privação de uma parte dos seus vencimentos, á natural melancolia de um homem cansado, e que só havia existido para sua arte e o serviço do seu rei, não estranharemos o grande abatimento em que cahiu. Nos ultimos tempos da sua vida só viveu para a arte, porque a ella consagrou todas as horas que não soffria cruelmente. E' d'essa epoca a mais famosa missa de Santa Cecilia, cuja partitura está no archivo do Instituto Historico, e a qual não se pode executar hoje por falta de vozes».

II

Injustiças para com D. João VI. O veredicto do tempo. O influxo de Deus no Universo. Inanidade das idéas materialistas. Attitude insolente e intolerante de Marcos Portugal em relação ao compositor brasileiro. Intervenção do monarcha. Accusações de plagio a Portugal. Os ultimos annos de José Mauricio.

No meio dos innumeros serviços prestados por elle monarcha ao Brasil — e só os toleirões, os parvos, sobretudo ignorantes e quantos queiram ageitar a historia ás suas acanhadas opiniões de momento e tacanhos preconceitos os podem escurecer e tentar ridicularisar no acervo de beneficios a flux derramados pelo bondoso rei sobre esta terra, que elle tanto amou, particular assignalamento merece esse, pois, agora, estamos delle colhendo saborosos e inestimaveis frutos.

Tudo se liga neste vasto globo; tudo se prende em uma concatenação ininterrompida, rigorosa e admiravelmente logica. Eis, a meu ver, a maior e mais vigorosa prova do influxo de Deus no immenso universo, a presença immanente, inarredavel da sua força, tão mysteriosa quanto patente centro e fóco de certo numero de leis, das quaes decorrem consequencias infalliveis de verdade e justiça que, por toda a parte, em todas as cousas, em todos os mundos, im-

peram fatalmente e, a despeito de um sem numero de obstaculos, afinal, se manifestam estupendas no seu complexo harmonico.

Quantos, comtudo, a mocidade, particularmente, não se fazem espiritos intitulados fortes, não blazonam de incredulos e levantam os hombros, ao se lhes falar em Deus? «Deus? Ora, por favor! A minha razão não se deixa levar por caraminhólas. Tudo tem explicação na sciencia!»

Appellam para a sciencia, não é? Bem; mas vêde, as culminações da mentalidade humana, de que vos mostraes tão orgulhosos, esses que devassaram os espaços imperscrutaveis e levaram o olhar terreno ao recesso do infinitamente grande e do infinitamente pequeno, sondando trevas de assombrar e não citaremos senão Kepler, Newton, Pasteur, vêde que elles se curvaram submissos e acabrunhados ante a magnificencia e a bondade de Deus; e sois vós ó intelligencias inferiores, infladas de vangloria, filha primogenita e dilecta da ignorancia; sois vós, ó fedelhos que nada sabeis da vida, desnorteados por theorias ôcas, vagas, insensatas e por uma sciencia imperfeita, réles, que ousaes, como gallozinhos guarnizés, trepados no cocuruto do muladar da mais grotesca petulancia, soltar o esganiçado cocoricó da revolta e, ante a creação rutilante de esplendor e cujos refulgentes raios são de offuscar um cégo, proclamaes: «Deus?... Deus não existe?!»

E, entretanto, Tolstoi, um dos maiores e mais profundos pensadores deste seculo, diz-nos com genial simplicidade: «Como negar a existencia de Deus, quando cada um de nós tem na consciencia o espelho em que se reflecte uma parcellazinha de sua grandeza?!»

O' loucos, ó enfatuados vesános, quanto desanimo...

Deixemol-os, porém, no tenebroso Sahara, em

que vagueiam como perdidas caravanas, destinadas á pulverulenta mortalha da asphyxiante arêa que os ha de sepultar em vida, tétrico lençol desdobrado pelo *simúm* do scepticismo e da aridez do coração!... Voltemos os olhos, soffregos de consolo, para os oasis em que se abrigam as aspirações nobres, santas, fecundas, cheias de fé e de esperanças, no deserto desta triste vida terrestre!

Quanto frescor no seio das encantadas ilhas, que purissima lympha, que risonha vegetação, que elegantes palmeiras, que doce briza, perfumada, vivificante sempre!

Ah! sim, tenhamos crença, ergamos os olhos aos céos, levantemos a alma a Deus! *Sursum corda, sursum!*»

«Quando Marcos Antonio Portugal chegou, em 1811, ao Rio de Janeiro, chamado de Lisboa ás pressas pelos artistas portuguezes que viam com maus olhos o favor sempre crescente do principe real D. João dispensado ao padre José Mauricio, encontrou bastante firmado no espirito do Regente o sentimento de sympathia ou antes de justiça para com o nosso compatriota.

«Um mulato!» murmurava indignada a côrte, em um concerto musical dado no Paço de S. Christovão, em que José Mauricio arrebatára, comtudo, os suffragios geraes, já executando ao piano difficilimas variações sobre um thema classico, já interpretando com a bellissima voz trechos de Mozart e Cimarosa, e ao ver o principe destacar do peito da farda dourada do Visconde de Villa Nova da Rainha a venéra de Christo e, com um gesto napoleonico, ir prendel-a á humilde batina do compositor brasileiro:

«Um mulato!» «Não importa, rebateu em voz bem alta e imperiosa o Regente, tem muito talento e é padre! Demais, accrescentou com um tom de magestade que costumava cortar os seus modos habi-

tualmente familiares e bonacheirões, quero, posso e mando!»

De tudo isto tirou Marcos Portugal motivos de vehementissima contrariedade e desgosto. Com a enorme enfatuação que lhe era peculiar e o tornava tão antipathico aos mais, acreditára que bastaria a sua simples presença para fazer escurecer, senão destruir radicalmente o prestigio do timido José Mauricio. Por esta razão dissemos atrás que fôra acto de imprudencia sua ter dado, no primeiro impeto de enthusiasmo artistico, signal de tamanho apreço a quem viera de tão longe para desvalorisar, reconhecendo-lhe, assim, qualidades de equiparação.

Esse desencontro inicial e os furores intimos suscitados pelo seu desmarcado orgulho e pelas intrigas de todos os dias, além do receio de perder o monopolio do valimento do monarcha, tudo concorreu — não é inverosimil pensar-se — para o primeiro ataque de cabeça que o salteou poucos mezes depois da chegada ao Rio de Janeiro.

Singular figura essa de Marcos Portugal! Nada o contentava; nada lhe parecia á altura dos meritos, tendo-se á conta de um dos maiores genios musicaes, enviados pela Providencia para encanto e deleite dos tristes mortaes.

Commenta Porto Alegre:

«Ha uma molestia d'alma que colloca o homem n'um mundo de torturas, ou n'um continuo naufragio quando a sua origem provém de uma estulta vaidade: esta molestia é a inveja. Os invejosos pulam ao céo de contentes quando acham uma palavra para abater o merito alheio, para tornal-o ao menos duvidoso na consciencia dos inexperientes. «Não tem gosto»; é a ponta do punhal com que feriam José Mauricio; «não tem gosto, nunca sahiu d'aqui, nunca viu nada, não foi á Italia, não aprendeu, não teve mestre, não frequentou os conservatorios!» Tal era a

ladainha estudada e unisona de homens que nunca passaram do papel que representa o tubo de um orgão, e a quem a natureza havia negado o dom de combinar algumas notas e compor alguns compassos.

O tufão da morte os arrojou no mais completo esquecimento, e se algum existe hoje só é conhecido por si mesmo.

Depois da retirada de el-rei e consumada a independencia foi que Marcos Portugal conheceu o bello e nobre caracter de José Mauricio e tanto o admirou, que morreu seu grande defensor e amigo».

Dos ultimos annos de José Mauricio escreveu Porto Alegre:

Ouçamos ainda o conego Januario: «José Mauricio começou a soffrer enfermidades, que muito se aggravaram pelo trabalho a que se dava no desempenho das suas obrigações, perdendo muitas vezes noites inteiras em longas composições que o Sr. D. João VI queria ver concluidas com a maior presteza; a sua vida se foi gradualmente enfraquecendo, até que em um ataque mais forte, e quasi repentino, teve o seu termo.

El-rei acostumado aos milagres da musa do nosso artista já não media o tempo, só marcava o termo; e todos nós podemos avaliar as horas de agonia por que passou aquella celebridade, vendo o tempo correr, e perigar a sua reputação se acaso a inspiração falhasse, ou se um d'esses somnos artisticos a que estão sujeitos todos os homens inspirados lhe viesse roubar o tempo preciso e entregal-o á implacavel injustiça dos seus collegas, promptos á escuta, postados á mira para anniquilal-o. E para elle os perigos duplicavam, porque estava só, e nem ao menos tinha o privilegio do nascimento, que o escudaria com todas as prevenções favoraveis. Por toda a parte se ouvia murmurar um desfavor após um facto brilhante. Estes echos da parcialidade pre-

cisavam de ser cobertos e abafados com novas harmonias, com amplas e severas composições, e com hymnos que entoassem o triumpho do proprio artista.

Oh! é muito ingrata a sorte do homem a quem suffocam, e que procura a vida; é por extremo dolorosa a situação do artista que tem consciencia de si mesmo, que conhece o seu valor, o clarão do seu lume, e a quem rodeam de trevas, que elle vence, mas que se não extinguem. «Se não tivera el-rei por seu lado, mil vezes estalaria de dor: o que eu tenho soffrido d'aquella gente só Deus sabe».

Ha soberanos que são seguidos nas suas jornadas por seus monteiros, pelos seus cães, pelos seus cavallos, outros pelos seus actores e histriões; muitos pelos seus soldados, e alguns pelos seus bufos e parasitas: o senhor D. João VI era acompanhado pelos seus padres e pelos seus musicos. O espirito e praticas ecclesiasticas estavam sempre com elle. N'um corredor estreito de São Christovam celebravam-se ceremoniosas festas, com musicas novas, e com as predicas de um São Carlos, de um Sampaio, e de um Monte-Alverne. Na fazenda de Santa-Cruz, onde havia mais espaço, se executavam magnificas composições, escriptas lá mesmo, quasi sempre improvisadas pelos seus mestres de capella. N'uma dessas jornadas, escreveu José Mauricio a sua famosa missa de degolação de São João Baptista, e outras obras de que elle mesmo se esqueceu. Foi esta missa a que poz termo a todas as invectivas dos musicos da real camara, porque esta obra a grande instrumental foi toda escripta no espaço de vinte dias, havendo Marcos Portugal gastado um mez em compor as matinas, a orgão e duas vozes.

III

Ainda D. João VI e José Mauricio. Partida do Rei para Portugal. Collapso das artes no Rio de Janeiro. Decadencia das festas sacro musicaes. Periodo de desanimo profundo. Interpellação de D. Pedro I ao compositor. O melancolico periodo final de 1821 a 1830.

Muito custou ao rei D. João VI sahir do seu caro Brasil. Tinha intenso o sentimento de grandeza que o *Correio Brasiliense* tão bem resumia nestas simples palavras: «O soberano do Brasil é a primeira personagem na America, tanto em poder como em representação. Que contraste não apresenta este mesmo soberano na Europa?»

A opinião pessoal do monarcha era que seu filho D. Pedro fosse, á vista das exigencias das Côrtes e da conturbação em todo o Reino, para Portugal, ficando elle á testa do Brasil. Apoiado por Sylvestre Pinheiro nessa idéa, que os mais conselheiros da corôa e o Ministro Inglez Thornton combatiam, quando a vio repellida, abraçou quem no debate o sustentára, dizendo alto e commovido:

«Que queres, meu Sylvestre! Fomos vencidos!»

No decreto de 7 de Março de 1821, 13 annos exactamente, dia por dia, depois da sua chegada ao Rio de Janeiro, declarou o Rei solemnemente que seguia viagem para Lisboa, embarcando com effeito

a 26 daquelle mez. «Separou-se então para sempre, diz Varnhagen — devêra, entre parenthesis, dizer: apartou-se e não separou-se da bahia do Rio de Janeiro, levando e deixando immensas saudades.»

E o nosso Padre foi dos que mais dolorosamente lhe sentiram a falta. Que o não acompanhasse a Portugal, conforme depois se queixou D. João VI, sem acrimonia, aliás, mas com a brandura natural ao meigo coração, fôra muito natural. Para tanto militavam mil razões que prendiam José Mauricio á terra natal, de onde nunca sahiu: porque, porém, aqui ficou Marcos Portugal, eis o que não sabemos, nem jámais talvez se possa saber?

O certo é que as difficuldades e agitações politicas supervenientes, de ordem gravissima e caracter resolutivo, fizeram com que o Principe D. Pedro e o seu governo de todo se descuidassem das necessidades e festas da Capella Real, de maneira que a decadencia ali foi repentina e superior a quanto esforço desenvolveram José Mauricio e Marcos Portugal, já então unidos.

Os fundos córtes nas despezas, exigidos pela urgencia de organizar-se o orçamento do nascente Imperio, ainda mais a apressaram.

Retrahiram-se os dous velhos maestros, Marcos Portugal ainda mais acabrunhado por causa do segundo ataque apopletico.

Uma vez D. Pedro I avistou José Mauricio, chamou-o com o ar de amabilidade que, em certos momentos, era positivamente irresistivel, um dos encantos da sua convivencia, aliás cheia de caprichos e altos e baixos.

— O Padre não me apparece nunca em S. Christovam, disse-lhe o monarcha. Porque?

— Porque, senhor, respondeu elle, sou bananeira que já deu cacho. Quem me apreciava devéras, está longe, muito longe!

Tambem fundadas razões tinha para mais tarde exclamar desconsolado:

— Hoje, em vez das grandes orchestras que outr'ora me acariciaram os ouvidos, só ouço o cantar dos grilos, os meus gemidos e o ganir dos cães que me incommodam e entristecem. Onde mais a amizade e até a admiração do Rei, que tanto me amparou? Onde o esplendor da côrte que o rodeava bajuladora, a elle, e me cercava a mim de tanta inveja e hostilidade?

Apezar de tamanhas causas de depressão nesse periodo de 1821 a 1830, ainda escreveu José Mauricio, além de outras cousas, duas partituras muito importantes, a *Grande Missa Festiva* executada na pomposa e imponentissima festa, inaugural da Candelaria, deslumbrante, unica no seu genero, e a *Missa de Santa Cecilia*, que instante pedi ao Instituto Historico, para entregal-a ao estudo do laborioso e competentissimo maestro Leopoldo Miguez.

IV

José Mauricio e Neukomm. Depoimento deste compositor. Pormenores sobre os ultimos momentos do mestre fluminense. Paginas de Manuel de Araujo Porto Alegre.

Relatando que em dada occasião reconhecera José Mauricio o talento de Rossini, que tanto lhe apregoavam os confrades vindos d'Ultramar com Marcos Portugal commenta Porto Alegre:

«Era maior a sua probidade artistica do que aquella irritação; o seu enthusiasmo para com Mozart, Haydn e Beethoven era justissimo, porque n'esta triada estava toda a gloria da arte germanica; e aquella escola severa que plantou nos asperos climas do norte uma arte scientifica, bella, e proprietaria de infinitos primores.

O celebre Neukomn, disciPulo de Haydn, que veio para esta corte como lente de musica quando veio a colonia artistica dirigida por Lebreton para fundar a Academia de Bellas Artes, e que foi victima da parcialidade que invectivava José Mauricio, me disse em Paris, a proposito do mestre brasileiro, que elle era o primeiro improvisador do mundo. Lamentou a sorte do artista no Brasil, louvou o seu caracter, e apreciou as agonias do autor da famosa missa de Requiem; e a proposito narrou-me o seguinte facto, que no meu regresso á patria foi con-

firmado pelo cantor Fasciotti que o testemunhara igualmente.

«Em uma daquellas reuniões que se faziam em casa do marquez de Santo-Amaro, fizemos prova de algumas musicas que me chegaram da Europa. Todas as vezes que se tratava de cantar, cedia o piano ao padre-mestre, porque melhor do que elle nunca vi acompanhar. Entre varias fantasias Fasciotti cantou uma barcarola que foi freneticamente applaudida e repetida. José Mauricio que estava no piano como para descansar, começou variar sobre o motivo e com os nossos applausos a crescer e multiplicar-se em formosas novidades. Suspensos, e interrompendo a nossa admiração com ovações continuas, ali ficamos até que o toque da alvorada nos viesse surprehender. Ah! os Brasileiros nunca souberam o valor do homem que tinham, valor tanto mais precioso pois que era todo fruto dos seus proprios recursos! E como o saberiam? Eu, o discipulo favorito de Haydn, o que completou por ordem sua as obras que deixara incompletas, escrevi no Rio de Janeiro uma missa, que foi entregue á censura de uma commissão composta d'aquelle pobre Mazziotti e do irmão de Marcos Portugal, missa que nunca se executou porque não era delles.

Alguns tempos depois, entrando eu na capella real por acaso, ouvi tocar no orgão umas harmonias que não me eram estranhas; pouco a pouco fui reconhecendo os pedaços da minha desgraçada musica; subi ao coro, e dou com José Mauricio tendo á vista a minha partitura, e a transpol-a de improviso para o seu orgão. Approximei-me a elle, e fiquei algum tempo a admirar a fidelidade e valentia de execução d'aquelle grande maestro: nada lhe escapava do essencial... não pude resistir, abracei-o quando ia acabar, e choramos ambos sem nada dizer.

Neukomm foi o compositor d'aquelle concerto

monstruoso, composto de tres mil artistas, que se executou na inauguração da estatua de Guttenberg! Neukomm veio para o Brasil em companhia de João Baptista Dubret, de Nicolau Taunay e de Grandjean de Montigny na qualidade de mestre de contraponto. Nunca ensinou: apenas deu algumas lições particulares a Francisco Manoel da Silva, e talvez que estas lições fossem a causa de ser este jovem perseguido artistica e machiavelicamente por Marcos Portugal logo que lhe apresentou o primeiro *Te-Deum* de sua feitura.

Havia o nosso artista improvisado tanto e sem descanso, que uma vez entrando no coro da então já capella imperial, parou na porta, e perguntou a um dos discipulos, como que extasiado: «De quem é esta bella musica?!»

— E' sua, padre-mestre, pois não se lembra?

— Minha? respondeu José Mauricio! — Sim, senhor, sua. — Está-me parecendo agora; mas quando escrevia-a eu, que me não lembra?

— No tempo do rei velho, lhe voltou o discipulo.

José Mauricio calou-se, abateu a cabeça, limpou as lagrimas e disse entre soluços:

— «Ah! n'aquelles tempos, quando me assentava á mesa tinha nos meus olhos el-rei, e nos ouvidos uma orchestra immensa e prodigiosa. Muitas noites não pude dormir, porque essa orchestra me acompanhava, e era tal o seu effeito que passava as noites em claro; e infelizmente nunca pude escrever aquillo que claramente ouvia. Hoje, só ouço o cantar dos grilos, os meus gemidos, ou o ganir dos cães que me incommodam e me entristecem.

A musa, a formosa e seductora filha do céo, é como a belleza corporal, que se transforma em asco na velhice, mormente quando a miseria a vem perseguir. O homem de engenho, que viveu no idealismo, se não tem uma patria agradecida, é a imagem

do mais terrivel desengano quando a idade lhe extingue o lume do céo, e lhe quebra as forças; é a formosura admirada, a rainha dos prazeres transformada na mulher que expira no catre do hospital.

Em 1830, o Brasil tinha ainda o seu principe, mas n'elle já não havia o seu defensor perpetuo, o astro do Ypiranga; porque a calumnia e os maus conselhos o haviam precipitado no extremo d'aquella grande resolução, e d'aquelles actos que pertencem hoje ao dominio da historia, e á admiração dos homens. A arte e os seus ministros n'estas épocas de transição vivem a vida dos proscriptos, sobretudo nos povos onde o principe é a força motriz da machina social.

Na manhã do dia 18 de Abril de 1830, cantando o hymno de Nossa Senhora, expirou José Mauricio, na casa n.º 18 da rua do Nuncio.

Chamado por seu filho, o dr. José Mauricio Nunes Garcia, actual lente de anatomia na escola medica d'esta côrte, e então meu companheiro de estudos, fiz tirar-lhe uma mascara em gesso das suas feições, a qual me acompanhou á Europa, e se acha hoje depositada no Museu Nacional com as mascaras de Dante, Tasso, José Bonifacio, Antonio Carlos e Januario Arvellos.

Quando o conego Luiz Gonçalves veio para vestir o cadaver, já o achou prompto, porque a esse acto piedoso se prestara seu filho. Ainda me lembra, como se estivera presente, de o ver no leito da morte com as vestes de que usava no interior de sua casa, que eram umas calças e jaqueta de seda roxa; ainda estou vendo a sua mesa, onde se achava o tratado de contraponto e harmonia que havia terminado poucos dias antes de morrer; e sobre uma folha de papel um circulo movediço no qual estavam marcados todos os tons, e que movido em qualquer sentido que fosse, apresentava em roda um

systema completo de harmonia. Este tratado e este engenhoso invento desappareceram da mesa no mesmo dia.

A irmandade de Santa Cecilia, que lhe fez o enterro funeral, desejou guardar os seus ossos, porém seu filho cumpriu a vontade paterna, depositando-o na ordem de São Pedro. Hoje se acham na igreja do Sacramento, por uma provisão de monsenhor Narciso.

Foi José Mauricio um homem de estatura mais que ordinaria; tinha uma physionomia nobre, um olhar penetrante e luminoso quando regia a orchestra, ou falava da arte; as dimensões e saliencias osseas do seu todo mostravam que havia sido de uma forte constituição. Tinha nos labios, na forma do nariz, e na saliencia dos pomolos os caracteres da raça mixta.

O dr. Dannessy phrenologista e discipulo fanatico de Gall, possue uma cópia da mascara acima referida no seu gabinete em Paris, mas nas suas indagações enganou-se redondamente, o que bem prova a respeito do cerebro e suas protuberancias externas, que as mais das vezes o miolo é quem decide e não a casa. Estes enganos do mesmo doutor se repetiram em outras vezes na legação brasileira, depois de haver apalpado um grande numero de cabeças brasileiras. »

V

O inventario a se fazer da obra do Mestre. O arrolamento do Snr. Joaquim J. Maciel, antigo archivista da Capella Imperial. Catalogo organisado pelo autor.

Referindo-me ao inventario do acervo de José Mauricio pertencente á Capella Imperial appellei para o archivista que o fizera em 1883 e este respondeu-me nestes termos, por mim logo divulgados na imprensa.

« O archivista da Capella Imperial ainda vive, felizmente está bem forte e capaz ainda de arcar com empreza semelhante á que lhe foi commettida outr'ora pela Inspectoria da Capella Imperial — dous catalogos chronologicos, annotados minuciosamente sobre os factos historicos que motivaram valiosas composições tanto do Padre José Mauricio como de todos os outros compositores desde os tempos coloniaes, cujas partituras foram transportadas para o Brasil pelo mestre da Capella Real, Marcos Portugal, com a chegada do Rei D. João VI em 1808, contém notadas peça por peça.

Destes exemplares, um existe no archivo do Cabido da Cathedral e o outro em poder do Sr. Dr. Sacramento Blake, membro do Instituto Historico.

E' summamente agradavel ao ex-archivista o ver que passados oito annos de completo indifferentismo,

appareça agora quem se lembre de tomar interesse por um trabalho organisado com os maiores sacrificios, sem remuneração de especie alguma a não ser um voto de louvor que o Cabido, em sessão, fez lavrar em acta, mas a que não deu publicidade; e releva notar que só a tenacidade e força de vontade puderam vencer os embaraços que lhe oppunha o Sr. mestre de capella que francamente declarava ser improficuo o trabalho a que se dedicava o archivista, visto como, elle tratava de substituir toda aquella papelada inutil pelas suas composições e a de *maestros* mais modernos!

Por de mais desgostoso pelo insuccesso de seu esforço, tem hoje o ex-archivista a consolação de saber que a redacção da parte artistica do *Jornal do Commercio* parece disposta a dar apreço a tão util e original trabalho. Para maior esclarecimento aqui transcreve o ex-archivista o officio que naquella época (1888) dirigiu ao Reverendissimo Inspector da Capella Imperial, dando conta da sua missão: «Illm. e Revm. Sr. Conego Inspector da Capella Imperial. — Em Julho do anno proximo findo, incumbiu-me o Revm. Monsenhor Pereira da Silva, antecessor de V. S., de convidar os professores de musica João Rodrigues Côrtes e Antonio Dias Lopes, para em commissão tratarem de colleccionar as mais importantes partituras do Padre José Mauricio Nunes Garcia, afim de indicarem os meios de serem impressas as preferidas.

Para cumprimento de tal mandato era indispensavel que eu colleccionasse e classificasse todas as musicas que esparsas existiam no archivo a meu cargo, agrupando-as e catalogando-as.

Não havendo na Capella Imperial os commodos e utensilios apropriados para o fim proposto, assim o ponderei a S. Illma. Revma. que me permittiu transportar para a casa de minha residencia todas as

musicas, bem como autorisação de mandar fabricar armarios apropriados para archivar as musicas colleccionadas. Conseguindo apresentar o catalogo do padre José Mauricio e o parecer da commissão, consultei o Sr. inspector sobre a utilidade de proseguir nos trabalhos de classificação e inventario das musicas dos demais autores e sendo ainda neste *tentamen* bem succedido pela acquiescencia de S. Illma. Revma., logrei terminar o catalogo geral que ora apresento, das musicas existentes e já archivadas nas novas estantes. Ainda que imperfeito é o primeiro trabalho que apparece no genero, pelo qual poderei eu passar ao meu successor o archivo que me foi transferido sem outra formalidade além da confiança pessoal.»

Esta carta do Sr. Maciel commentei-a immediatamente nos seguintes termos: — «A carta hontem publicada do Sr. Joaquim José Maciel, ex-archivista da antiga Capella Imperial, causou-nos bem sincero prazer. Acreditamos de muita utilidade que elle quanto antes dê á imprensa a relação que soube organisar com tanto trabalho e superando tamanhos tropeços.

E' essa a recompensa do labor aturado e consciencioso, ver mais ou menos cedo apreciado e applaudido o esforço que custou. No mundo moral a justiça é lenta, mas segura.

Deixemos registrado, ao menos na collecção desse conceituado jornal, o rol das composições de José Mauricio; — não será pouco para as futuras pesquizas e a bem da reconstituição da magistral obra, tão malbaratada até agora, que nos legou o inspirado mestre.

Falamos já em Segismundo Nekomm, filho directo da grande escola allemã. Ouçamos o que elle disse a respeito do nosso illustre compatriota, segundo refere Manoel de Araujo Porto Alegre:

«Nunca ouvi improvisador da força de José Mauricio. Em uma das reuniões em casa do Marquez

de Santo Amaro, estivemos, uma vez, tirando algumas musicas que me haviam chegado da Europa. Todas as vezes que se tratava de cantar, cedia eu o piano ao padre-mestre, pois ninguem acompanhava como elle.

Entre varias peças Fasciotti cantou uma barcarola, que foi freneticamente applaudida. José Mauricio, que estava ao piano, como que para descançar começou então a fazer variações sobre o thema ouvido e, excitado com os nossos applausos, produziu as maiores e mais formosas novidades! Suspensos, enlevados e interrompendo a nossa admiração com ovações continuas, ali ficámos, até que o toque da alvorada nos veio surprehender!»

Como é eloquente tudo isso na singeleza com que é contado!

Que merito, porém, não tinha esse padre para provocar manifestações dessas num musico dos creditos e da sciencia de Neukomm, acostumado á convivencia do immortal Haydn, seu discipulo predilecto e a quem, no testamento, encarregou de completar as obras que deixára inacabadas?

Mais eloquente ainda é este como que grito de angustia e dor:

«Ah! os brasileiros nunca, nunca souberam o valor do homem que tinham, valor tanto mais precioso, pois era todo fruto dos seus proprios recursos».

Ainda hoje, passados tantos annos, os brasileiros no bochornal torpor em que vivem, desconhecem totalmente a elevação do glorioso ente a quem coube a desdita de aqui nascer, viver e morrer, trabalhando tanto para honra do Brasil.

Quanto é isto vexatorio para toda a nação!»

Pouco depois publicou o Snr. Maciel no *Jornal do Brasil* o resultado de suas pesquizas, constante dos apontamentos fornecidos ao sr. Sacramento Blake para seu precioso *Diccionario bibliographico brasileiro*. Infelizmente resumiu este precursor da bibliographia nacional o minucioso arrolamento do Sr. Maciel. Assim declara:

E' impossivel dar uma noticia completa de suas obras; dellas, porém, mencionarei:

Composições musicaes, escriptas para a capella real até 6 de Setembro de 1811. — Sobem a mais de duzentas e constam de uma relação que vem na «Revista do Instituto», tomo 22.º, pags. 504 a 506, conforme as notas do proprio punho do autor. O total, porém, de suas composições musicaes, como disse o Visconde de Taunay na *Gazeta de Noticias* de 17 de Novembro de 1880, sobe talvez a quatrocentas e consta de missas, *Te-Deums*, credos, psalmos, ladainhas, antiphonas, mottêtos, responsorios, matinas, novenas, solos, officios funebres, peças theatraes, ouverturas, sonatas, hymnos, arias e modinhas. Muitas dessas composições existiam no archivo da antiga capella imperial, baralhadas e em confusão quasi irremediavel; outras andam por mãos particulares, que não lhes dão o devido apreço; algumas totalmente perdidas! O distincto escripturario do Thesouro e tambem distincto musico, Joaquim José Maciel, encarregando-se do exame, e classificação das musicas existentes na capella mencionada, apresentou em 1888 um catalogo, onde se acham 241 peças do Padre José Mauricio, isto é:

— *Missas* — Vinte, sendo uma com *Liberame*, para defuntos.

— *Credos* — Nove.

— *Psalmos* — Noventa e tres.

— *Canticos* — Vinte e tres.

— *Hymnos* — Vinte e nove.

— *Mottetos* — Trinta e oito.

— *Sequencias* — Sete, sendo tres seguidas de offertorios.

— *Te-Deum* — Cinco.

— *Ladainhas* — Quatro.
— *Matinas* — Sete.
— *Novenas* — Quatro.
— *Antiphonas* — Duas. Todas estas operas estão archivadas na cathedral do bispado, e creio que é dessa collecção a

— *Missa pastoril,* escripta expressamente para as festas do Natal e de Reis pelo Padre José Mauricio e que foi cantada na cathedral da Capital Federal na festa da Epiphania a 6 de Janeiro de 1891. A mais antiga data de taes operas é de 1788. A menos antiga destas é a

— *Novena* de Nossa Senhora do Carmo, composta com todo instrumental por ordem de S. M. o Imperador no anno de 1824 e reduzida a quatro vozes e orgão em 1832, depois da morte do autor. Ha, entretanto, peças religiosas do grande compositor brasileiro que não estão incluidas no catalogo de J. J. Maciel, como as que passo a mencionar:

Missa e credo da degolação de S. João Baptista, a grande instrumental. — Esta missa foi escripta em vinte dias em um passeio que o autor fazia pela fazenda de Santa Cruz, ao passo que Marcos Portugal, a gloria da musica portugueza, que era com razão admirado na Italia e em grande parte da culta Europa, gastou um mez, compondo as matinas a orgão e duas vozes.

Missa e credo de Santa Cecilia. — O original foi offerecido ao Instituto Historico pelo Dr. José Mauricio, filho do autor e ali se conserva no archivo dessa sociedade; foi a sua ultima partitura, composta em 1826.

Missa de requiem. — Que foi muito applaudida no Rio de Janeiro e em muitos pontos, iguala-se com a obra prima de Mozart, esforço ultimo da mais esplendida organisação musical que se tem conhecido. A partitura existe.

Symphonia funebre — Que foi executada nas exequias do autor.

Le due Gemelle, drama em musica com instrumental e partes cantantes. — Foi escripto, de ordem de D. João VI, para o theatro de São João. Uma cópia desta opera perdeu-se no incendio do theatro; o original ficou em poder de Marcos Portugal, como se declara no inventario, feito em 1821, da musica do real thesouro.

Ouvertura da tempestade. — Foi escripta para o elogio dramatico representado no anniversario natalicio do Vice-Rei D. Fernando José de Portugal, depois Marquez de Aguiar.

Doze divertimentos de sopro. — Foram compostos para a banda de musica que viera da Allemanha, acompanhando a primeira Imperatriz do Brasil. As partituras foram subtrahidas da casa do autor no dia do seu enterramento, mas o Conde de Farrôbo guardava com muita estimação uma cópia em seu archivo. Diz-se que o povo agglomerava-se em frente á casa do autor quando se faziam os ensaios. Na mesma occasião do enterro foi subtrahido de sua casa um

Compendio de contra-ponto e de harmonia. — Concluido poucos dias antes de sua morte. M. de Araujo Porto-Alegre o viu em cima de uma mesa, e sobre uma folha de papel um circulo movediço em que se viam marcados todos os tons, e que, movido em qualquer sentido, apresentava em roda um systema completo de harmonia. Esse engenhoso invento de José Mauricio desappareceu com o seu tratado de contra-ponto.

Copia fiel do original, e da lavra do Visconde de Taunay, tirada das composições do Padre José Mauricio Nunes Garcia, que constituem a collecção «Gabriella Alves de Souza»: hoje no archivo do Instituto Nacional de Musica (1).

1 — Officio e Missa de defuntos (encadernado) 1816.
2 — Missa da Conceição (partitura) 1808.
3 — Missa pequena (n. 9).
4 — Missa de grande orchestra (n. 8).
5 — Matinas da Conceição (n. 56).
6 — *Magnificat* (n. 23).
7 — *Credo* (n. 48).
8 — *Te Deum* (n. 78).
9 — Novenas (n. 18).
10 — *Te Deum* alternado (n. 80).
11 — Officio de defuntos pequeno, reduzido a quatro vozes (n. 7).
12 — Orchestra (n. 85).
13 — Jaculatoria (n. 16).
14 — *Magnificat* para orgão (n. 50).
15 — Mottetto para 5.ª feira santa (n. 91).
16 — Gradual de S. Sebastião (n. 96).
17 — Missa pequena (n. 14).
18 — Missa de S. Pedro de Alcantara (n. 11).
19 — *Te Deum* pequeno para orgão (n. 76).
20 — *Te Deum* para orchestra (n. 75).
21 — Sete versos a Nossa Senhora (n. 58).

(1) Encontra-se este catalogo na edição do *Requiem* realisada em 1897 pela casa J. Bevilacqua do Rio de Janeiro.

22 — *Christus factus* (n. 57).
23 — Gradual de sabbado de Alleluia (n. 81).
24 — Idem, idem (n. 72).
25 — *Tota pulchra* (n. 73).
26 — Offertorio de S. Miguel, 1798 (n. 74).
27 — Antiphona de Nossa Senhora (n. 71).
28 — Partitura a orgão — Matinas, Missa libera-me e memento.
29 — Partitura pequena (n. 35).
30 — *Tantum ergo* (n. 46).
31 — Motteto para Sexta-feira santa, 1809 (n. 15).
32 — Partitura (n. 28).
33 — *Credo* (47).
34 — Motteto dos Passos (n. 29).
35 — Missa pequena, 1811, (n. 32).
36 — Novena da Conceição (n. 31).
37 — Symphonia funebre, 1790, (n. 4).
38 — Gradual da Alleluia, 1799, (n. 70).
39 — Gradual para domingo da Paschoa (n. 70).
40 — Gradual para o dia de Corpo de Deus (n. 68).
41 — Motteto de 1812 (n. 30).
42 — Gradual de Sant'Anna (n. 91).
43 — Gradual de S. Lourenço (n. 93).
44 — Gradual para Quinta-feira Santa (n. 92).
45 — Gradual para o Santissimo Sacramento (n. 9).
46 — Gradual de Sant'Anna (n. 96).
47 — Gradual de Nossa Senhora (n. 95).
48 — Gradual para domingo de Paschoa (n. 97).
49 — Gradual para festa dos Reis (n. 98).
50 — Duetto de tenores, 1818 (n. 99).
51 — *Te Deum* (n. 79).
52 — *Benedictus*, 1815 (n. 27).
53 — Motteto de São João Baptista, 1810 (n. 51).
54 — Solo de Qui existi (n. 24).
55 — *Laudamus* (n. 89).
56 — Gradual de S. Lourenço (n. 88).
57 — Solo de soprano (n. 87).

58 — Gradual da Ascenção, 1799, (n. 86).
59 — Idem para o dia de Natal (n. 84).
60 — Idem do Coração de Jesus, 1798 (n. 83).
61 — Idem da Santissima Trindade (n. 82).
62 — Idem para Quinta-feira santa (n. 43).
63 — Novena do Santissimo Sacramento, 1822 (n. 25).
64 — Gradual para o terceiro dia do Natal (n. 37).
65 — Gradual para o terceiro dia do Natal (n. 44).
66 — Trezenas de S. Francisco de Paula, 1817 (n. 26).
67 — Novenas da Conceição, 1798, (n. 20).
68 — *Benedictus* (n. 21).
69 — Lavapés (n. 22).
70 — Matinas de Santa Cecilia (n. 90).
71 — *Laudamus*, original, 1821 (n. 110).
72 — Missa de Nossa Senhora do Carmo, 1818 (n. 34).
73 — Ladainha de Nossa Senhora do Carmo, 1811 (n. 111).
74 — *Regina Cœli* (n. 55).
75 — *Populus meus* (n. 54).
76 — Solo do *Qui existi* (n. 53).
77 — Missa (n. 40).
78 — *Laudate pueri*, 1820 (n. 109).
79 — Missa pequena (n. 12).
80 — Credo pequeno (n. 49).
81 — Missa grande.
82 — *Requiem*, partitura encadernada (n. 116).
83 — Partitura da Missa de defuntos, 1809 (n. 75).
84 — Motteto para a festa do Santissimo (n. 62).
85 — Antiphona do Carmo (ladainha) (n. 63).
86 — Gradual, Missa do gallo (n. 64).
87 — Missa, partitura, (n. 117).
88 — *Libera-me*, 1799 (n. 114).
89 — Missa de defuntos, officio, 1799 (n. 113).
90 — Missa a quatro vozes (n. 39).

91 — Novena de S. Pedro, partitura, 1814 (n. 103).
92 — Motteto (n. 39).
93 — *Ave Maria cœli*, hymno (n. 40).
94 — Ladainha (n. 104).
95 — *Credo* (n. 105).
96 — Missa de 1811 (n. 33).
97 — Gradual dos Apostolos (n. 75).
98 — *Jubilemus* (n. 30).
99 — Motteto, 1800 (n. 42).
100 — Gradual de S. Miguel (n. 38).
101 — Missa (n. 60).
102 — *Sacrum convivium* Exposição do S. S. (n. 45).
103 — *Credo* de 1803, partitura (n. 106).
104 — Motteto — Faliuns Jerusalemi (n. 59).
105 — *Laudate Dominum* (n. 112).
106 — Vesperas de Nossa Senhora, 1794 (n. 100).
107 — *Laudate* de 1813 (n. 101).
108 — Gradual, Noute de Natal de 1793 (n. 107).
109 — Idem (n. 108).
110 — Officio de defuntos (n. 115).
111 — Responsorios, partitura (n. 102).
112 — Motteto para os domingos (n. 52).

OBSERVAÇÕES

Em abundantissima copia foram as composições hoje esparsas do padre José Mauricio, sem paradeiro conhecido, muitas irremediavelmente perdidas.

Escreveu por ordem de D. João VI uma opera *Le due Gemelle* para o Real Theatro de S. João. A partitura original esteve por muito tempo em mão de Marcos Portugal, cujos papeis, pouco depois do fallecimento, foram vendidos para embrulho! Outro exemplar desappareceu consumido pelo fogo por occasião do incendio d'aquelle theatro.

Ha duvidas, se este drama lyrico, como o intitulou o autor, foi ou não cantado.

Por occasião da chegada do vaso de guerra austriaco que trouxe ao Rio de Janeiro a Princeza D. Leopoldina, depois primeira Imperatriz do Brasil, em poucos dias, compoz José Mauricio para a banda de musica dos marinheiros *Doze divertimentos*, que colheram de todos os mais enthusiasticos applausos. Que fim levaram?

A grande missa de Santa Cecilia instrumentada e com as partes cavadas deve estar no archivo do Instituto Historico Brasileiro, offerecida pelo filho Dr. José Mauricio Nunes Garcia. Até agora, porém, não foi possivel encontral-a.

Não se sabe bem onde pára a bellissima *Missa da degollação de S. João Baptista*.

O mesmo acontece em relação a outros inspiradissimos spartitos.

O padre José Mauricio deixou tambem escriptos um *Compendio de musica* e um *Tratado de contraponto*.

A collecção «Gabriella Alves de Souza» assim chamada do nome da sua proprietaria porém do espolio de Bento das Mercês, cantor por larguissimos annos da Capella Real, depois Imperial, e tio daquella senhora de quem a adquiriu o Estado. Algumas dessas missas são todas em original do punho do Padre José Mauricio, outras copias. Provavel é que na lista haja repetição de varias mencionadas na relação tirada por Manoel de Araujo Porto Alegre (Revista do Instituto Historico Brasileiro, tomo XXII, pags. 504-506).

A copia foi feita absolutamente como está no original. Não tivemos explicação do que significava a numeração collocada entre parenthesis.

INDICE